



Boletim

Agropecuário

Nº 155, abr./2026



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**
SECRETARIA DA AGRICULTURA
E PECUÁRIA



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 155, abr./2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Lillian Bastian
Roberth Andres Villazon Montalvan
Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidaura Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: abr/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri



Sumário

Análise de Conjuntura.....	7
Fruticultura.....	12
Grãos.....	19
Hortaliças.....	36
Pecuária.....	44

Análise de Conjuntura:

Efeitos indiretos do conflito no Oriente Médio no Agronegócio de SC: O caso dos fertilizantes e do diesel

Roberth Andres Villazon Montalvan

Engenheiro de Produção, Dr. – Epagri/Cepa
roberthmontalvan@epagri.sc.gov.br

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Contexto

A arquitetura do comércio internacional e as cadeias globais de suprimentos enfrentam, no primeiro semestre de 2026, um choque sistêmico deflagrado pela escalada do conflito armado no Oriente Médio. O bloqueio operacional do Estreito de Ormuz e a desestabilização das rotas navais do Mar Vermelho geraram uma disrupção significativa no fornecimento global de hidrocarbonetos e fertilizantes. As repercussões desse cenário propagam-se rapidamente, manifestando-se por meio de pressões inflacionárias, estrangulamentos logísticos e alta volatilidade nos mercados de commodities agrícolas e energéticas. A FAO, por meio do seu monitoramento do Índice de Preços de Alimentos indica que os preços globais para final de março permanecem abaixo dos níveis máximos registrados durante o pico global de preços de 2022, após a eclosão da guerra na Ucrânia, mas com leve tendência a subir, refletindo a renovada incerteza nos mercados globais de commodities.

Para o estado de Santa Catarina, cuja economia é estruturalmente ancorada no agronegócio exportador de alto valor agregado e possui elevada dependência de insumos importados, a conjuntura atual representa uma ameaça multifacetada à sua competitividade. O ecossistema agroindustrial catarinense possui características intrínsecas que o tornam particularmente sensível às flutuações do comércio internacional. A cadeia de valor estadual repousa sobre a importação intensiva de insumos brutos (notadamente fertilizantes para a produção de grãos), a transformação desses vegetais em proteína animal de alto padrão zootécnico e o uso intensivo de logística de ponta para inserir essas carnes em mercados exigentes. Cada elo dessa engrenagem produtiva encontra-se tensionado pelo atual *stress* geopolítico.

A competitividade do estado é testada por dois vetores de transmissão primários. O primeiro é o aumento substancial dos custos produtivos, impulsionado pela alta do preço internacional do petróleo e por seu reflexo direto no óleo diesel; o segundo é o aumento acentuado nas cotações dos fertilizantes nitrogenados e fosfatados, essenciais para a produção de grãos.

O vetor energético, o choque do diesel e a estrutura de custos logísticos

A escalada inflacionária dos combustíveis fósseis representa um dos principais impactos do atual cenário internacional sobre o território catarinense. Com a fixação do preço do petróleo Brent em patamares próximos à barreira de US\$100 por barril, analistas do setor logístico e energético projetam repasses inevitáveis para o derivado refinado consumido internamente. Estimativas indicam que, mantida essa pressão global, o preço médio do diesel nas bombas brasileiras poderá sofrer reajustes em torno de 20%.

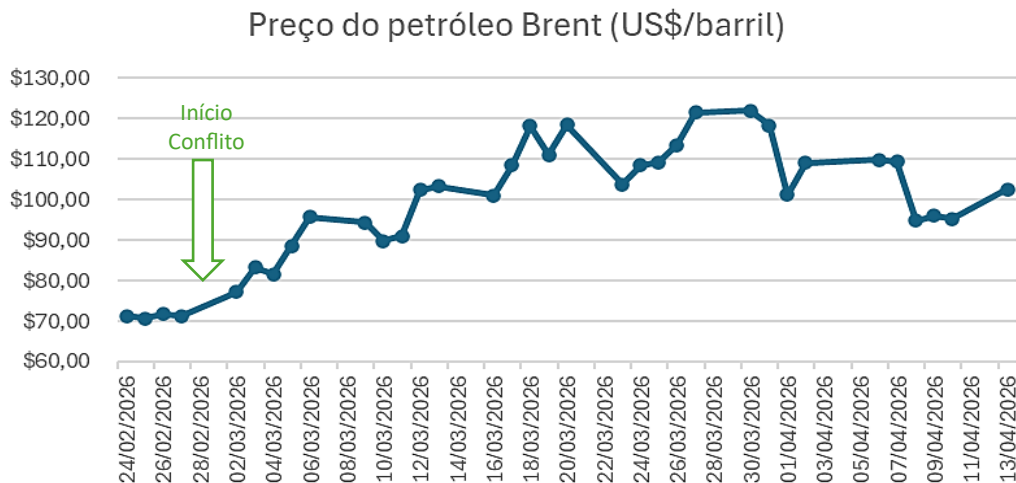


Figura 1. Preço do petróleo Brent – (US\$/barril)

Fonte: U.S. Energy Information Administration (até 30/03), dados de mercado (fechamento diário – fonte secundária Yahoo Finance, 31/03-13/04). Elaboração própria

Como consequência imediata, o custo do frete rodoviário doméstico poderá apresentar uma majoração linear de aproximadamente 10%. Para a matriz exportadora de grãos e carnes, na qual o transporte terrestre desde as zonas rurais produtoras (Oeste e Meio-Oeste) até o complexo portuário do litoral responde frequentemente por 65% a 70% do custo logístico total da operação, esse acréscimo reduz diretamente a rentabilidade do agronegócio.

Não obstante os esforços do governo em investimentos na malha viária (ex. Programa Estrada Boa), relatórios institucionais da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) indicam que a rede de transportes catarinense requer investimentos adicionais estimados em R\$18,4 bilhões para projetos de adequação e modernização de rodovias, ferrovias e portos até o final de 2026. As condições atuais das vias influenciam o consumo de combustível das frotas e os custos de manutenção mecânica, impactando diretamente a logística de escoamento frente às oscilações nos preços dos derivados de petróleo.

No âmbito da propriedade agrícola, a expressiva alta no preço médio do óleo diesel em Santa Catarina, de aproximadamente R\$6,14 no final de 2025 para entorno de R\$7,33 o litro, gerou um impacto direto na formação do Custo Operacional Efetivo (COE). A evolução dos dados técnicos entre outubro de 2025 e março de 2026 (Tabela 1) evidencia o nível de exposição da agricultura estadual a essas oscilações, ilustrando como as diferentes culturas respondem financeiramente aos seus respectivos perfis de mecanização.

Tabela 1. Variação do Diesel no COE – (%)

Cultura	Participação do Diesel no COE (%) em out./2025	Participação do Diesel no COE (%) em mar./2026
Milho Alta Tec.	3,19	3,80
Soja Alta Tec.	5,13	6,12
Arroz	6,54	7,81
Feijão	4,40	5,25
Trigo	3,36	4,01
Maçã	8,70	10,39
Cebola	5,02	5,99

Fonte: Epagri/Cepa

Culturas vitais para a matriz catarinense, como a soja e o milho de alta tecnologia, registraram elevações consistentes em seus custos de produção. A participação do diesel no COE da soja passou de 5,13% para 6,12%, enquanto no milho o indicador subiu de 3,19% para 3,80%. Embora esses percentuais possam parecer menores em termos relativos quando comparados a outras lavouras, a extensa área territorial dedicada ao cultivo desses grãos no estado faz com que essa variação de pouco mais de um ponto percentual se traduza em um alto impacto financeiro absoluto.

O cenário exige ainda mais atenção nas lavouras que demandam intervenção mecânica intensiva. No caso da maçã, por exemplo, cultivada nos pomares de altitude da serra catarinense, a dependência do diesel, que já era a maior do levantamento (8,70%), atingiu 10,39% do custo produtivo em março de 2026. Essa variação absoluta de 1,69 pontos percentuais lidera a tabela e demonstra a alta sensibilidade da fruticultura aos derivados de petróleo. Outras culturas estratégicas, como o arroz e a cebola, também acompanharam esse comportamento, com a fatia do combustível chegando a 7,81% e 5,99% do COE, respectivamente.

Em termos práticos, essa escalada nos custos de operação "dentro da porteira" atua em sinergia com os desafios logísticos do estado. O aumento de aproximadamente 20% no valor do litro do diesel afeta o setor primário em duas frentes simultâneas, elevando os desembolsos desde a preparação do solo e colheita até o momento do escoamento da safra pelas rodovias, o que reforça a necessidade de eficiência operacional para proteger as margens do produtor.

O vetor de insumos, fertilizantes

Em paralelo ao choque dos hidrocarbonetos, a região em conflito é responsável por uma parcela relevante da oferta global de Gás Natural Liquefeito (GNL) e de insumos vitais para a agricultura. Com a navegação no Estreito de Ormuz fortemente restringida, houve uma interrupção no fornecimento desses componentes. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) publicou nota técnica advertindo que as ramificações desse evento ultrapassam a esfera energética, constituindo risco à segurança alimentar mundial. A FAO indica que, diferentemente do setor de petróleo, o mercado de fertilizantes não dispõe de reservas estratégicas coordenadas internacionalmente, o que torna interrupções na oferta mais complexas de gerenciar. A restrição de volumes de GNL e fertilizantes, associada à elevação dos custos operacionais no campo, tem o potencial de reduzir o rendimento das colheitas em diversas regiões.

O impacto sobre os preços dos fertilizantes já é perceptível em nível mundial; no início de março, a ureia granulada do Oriente Médio subiu quase 20% em comparação com os níveis do final de

fevereiro, enquanto outros fertilizantes, como o fosfato diamônico, também apresentaram alta. Como a produção de fertilizantes nitrogenados depende fortemente de gás natural como matéria-prima, a alta dos preços de energia elevou os custos de produção. Estimativas da FAO indicam que os preços globais de fertilizantes possam operar, em média, de 15% a 20% mais altos durante o primeiro semestre de 2026, caso a crise se prolongue. Assim, os custos de fertilizantes e combustíveis eleva as despesas de produção para os agricultores, podendo resultar na redução da aplicação de fertilizantes em diversas regiões. O menor uso de insumos pode acarretar quedas na produtividade agrícola no fim do ano e uma oferta global de grãos mais restrita.

A FAO ainda sublinha que, enquanto nações desenvolvidas poderão mitigar os choques via subsídios e estoques de emergência, os países dependentes de importação agrícola enfrentarão episódios de inflação alimentar, com repercussões geopolíticas e sociais secundárias que incidirão sobre a demanda por commodities exportadas pelo Brasil.

Já o Banco Mundial, por meio de sua atualização mensal do Commodity Markets Outlook documentou uma elevação expressiva: o índice geral de preços de fertilizantes subiu 26,2% em um único mês, representando o maior choque inflacionário registrado no setor em anos recentes. Destaca-se o preço da ureia, principal fertilizante nitrogenado utilizado na agricultura global, que sofreu uma alta de 46% no mercado internacional no curtíssimo prazo.

Contudo, a escassez de nutrientes no mercado internacional não se resume à paralisação das rotas no Oriente Médio. O cenário de déficit foi agravado por respostas protecionistas de países produtores. A China, orientada por sua política de segurança alimentar, iniciou um processo de proteção do seu mercado interno contra a volatilidade global, restringindo as exportações de misturas de fertilizantes à base de nitrogênio e potássio, bem como de fosfato. Tais medidas somaram-se a cotas já incidentes sobre a ureia, permitindo apenas embarques regulares de insumos de menor complexidade, como o sulfato de amônio.

A Rússia adicionou um novo fator de complexidade a esse contexto logístico. Pressionada pela demanda doméstica, formalizou a suspensão total das exportações de nitrato de amônio até 21 de abril de 2026. A retirada de fornecimento dos mercados russo e chinês impõe um impacto adicional à importação agrícola global, criando lacunas que dificilmente serão supridas em tempo hábil por outros *players* regionais.

No âmbito diplomático, ocorreram tentativas de mitigar temores de desabastecimento. Autoridades iranianas asseguraram que embarques de ureia de suas petroquímicas adquiridos por *tradings* e produtores brasileiros não seriam submetidos a retenções. Em 2025, o Irã originou aproximadamente 3% do volume de ureia internalizado pelo Brasil (246,1 mil toneladas). Todavia, o escoamento prático dessas cargas esbarra na guerra marítima aberta. O tráfego mercante no Golfo enfrenta altas taxas de prêmios de risco de guerra (*War Risk*) e baixa disponibilidade de navios dispostos a transitar na zona de exclusão armada, tornando as garantias diplomáticas incertas na prática. A confluência desses fatores sela uma conjuntura de alta contínua nos custos de formulação de safras, cujos impactos incidirão sobre a originação a partir da segunda metade do calendário agrícola de 2026.

Em Santa Catarina, a situação pode ser monitorada pela dinâmica do Porto de São Francisco do Sul, que se consolidou como um polo de estabilidade no provimento de nutrição para o agronegócio. Com vocação para granéis sólidos, o terminal importou um marco histórico de 2,75 milhões de toneladas de fertilizantes em 2025 (avanço de 10% sobre o ano antecedente), representando 6% de todo o insumo internalizado no Brasil pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A implementação de normativas de tráfego que garantem prioridade de atracação nos berços reduziu em 60% o tempo ocioso dos navios graneleiros. O ritmo manteve-se constante e, até abril de 2026, o porto já havia assegurado o desembarque de 347

mil toneladas adicionais de adubos essenciais e o embarque sustentado de 610 mil toneladas de grãos (milho e soja).

Como resultado desse cenário volátil e complexo, os produtores rurais da América do Sul, que já enfrentam condições de mercado desafiadoras, com baixos preços para as commodities, poderão ter dificuldades para absorver novos aumentos nos custos de insumos, sendo forçados a reduzir o uso de fertilizantes. Menores taxas de aplicação de fertilizantes podem reduzir o rendimento das safras e aumentar os riscos à segurança alimentar, por meio de alterações na oferta local e de futuras reduções na produção em grandes polos agropecuários globais. Preços mais altos de energia também encarecem os custos de transporte e logística, elevando o valor das importações de alimentos e pressionando a inflação alimentar doméstica.

Esse encarecimento pode causar a compressão direta das margens de lucro dos produtores e os envolvidos ao longo da cadeia produtiva. Assim, o cenário exige que o setor produtivo catarinense intensifique o planejamento de estoques e busque a diversificação de rotas comerciais, além de alternativas técnicas como a adoção de bioinsumos, a aceleração da implementação da agricultura de precisão, a gestão agrícola baseada em dados e a manutenção da excelência sanitária, a fim de preservar a competitividade no curto e no médio prazo.



Fruticultura

Maçã 13



Maçã

Rogério Goulart Junior

Economista, Dr. - Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de maçãs em Santa Catarina, entre fevereiro e março de 2026, foi caracterizado pela desvalorização de preços no atacado das maçãs com aumento na oferta das frutas com o avanço do período da colheita. No mercado atacadista nacional a maior oferta fruta nacional desvalorizou as cotações em março de 2026. Em abril, a expectativa é de manutenção na desvalorização nos preços no atacado com o avanço na colheita da maçã Gala e Fuji em todas as regiões produtoras.

Preço no atacado e mercado estadual

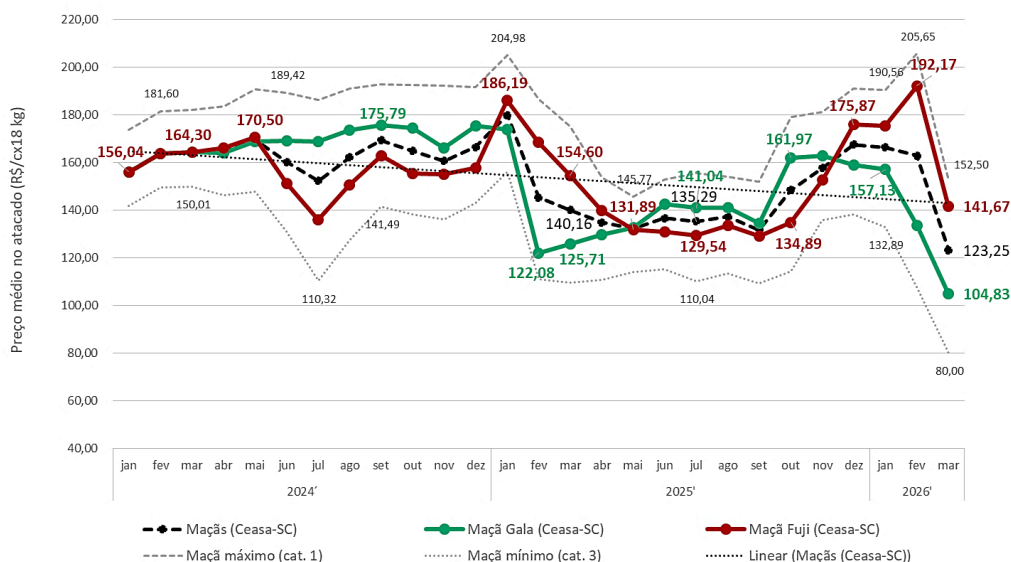


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado de SC

Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (mar/26=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Na Ceasa/SC, entre fevereiro e março de 2026, houve desvalorização de 24,4% no **preço médio das maçãs** com a colheita e comercialização de maçãs Gala e colheita da Fuji. Em comparação ao mês de março de 2025 houve desvalorização nas cotações de 12,1%, sendo que em fevereiro havia valorizado 12,1% em relação a 2025. No primeiro trimestre de 2026, houve desvalorização de 2,8% nos preços médio das maçãs, na comparação com o mesmo período do ano anterior. A **maçã Gala** contribuiu com desvalorização de 21,6% nos preços, entre fevereiro e março de 2026, e com desvalorização de 16,6% em comparação a março de 2025, depois de aumento nas cotações em fevereiro de 9,5% em relação ao ano anterior.

Já a **maçã Fuji** contribuiu com desvalorização de 26,3% nos preços, entre fevereiro e março de 2026, e com desvalorização de 8,4% em comparação a março de 2025, depois de aumento nas cotações em fevereiro de 14,0% em relação ao ano passado.



Em abril, a expectativa é de manutenção na desvalorização nos preços no atacado com o avanço na colheita da maçã Gala e Fuji em todas as regiões produtoras na safra corrente e consequente aumento da oferta no mercado.

Preço no atacado e mercado nacional

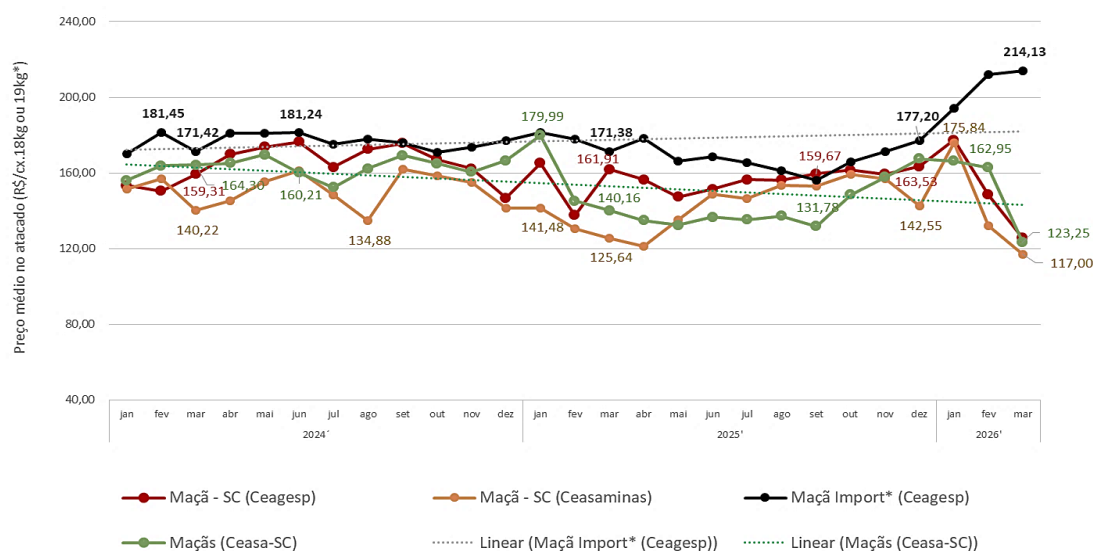


Figura 2. Maçã catarinense e importada – Evolução do preço médio mensal no atacado nacional

Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (mar/26=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Na **Ceagesp**, o preço da **maçã de origem catarinense** apresentou desvalorização de 15,4%, entre fevereiro e março de 2026, com maior oferta da fruta nas centrais de abastecimento. As cotações da maçã catarinense estão desvalorizadas 22,4% em relação a março do ano anterior, depois de valorização de 7,9% em fevereiro em relação a 2025. Com plena colheita das frutas o aumento na oferta no mercado pressiona os preços no atacado na central paulistana.

Os preços das **maçãs importadas**, entre fevereiro e março de 2026, estão valorizados 0,9%, com cotações 70,4% acima cotação da fruta catarinense na Ceagesp, reduzindo a concorrência com a fruta nacional. Em março de 2026, os preços médio das maçãs importadas estão 24,9% valorizados na comparação com o mesmo mês de do ano anterior.

Na **Ceasaminas**, houve redução de 6,9% nas cotações da **fruta catarinense** em relação a março de 2025, e com desvalorização de 11,4% entre fevereiro e março de 2026, devido ao aumento na oferta pela fruta com avanço da colheita nas regiões produtoras.



Preço ao produtor nas principais regiões de produção nacional

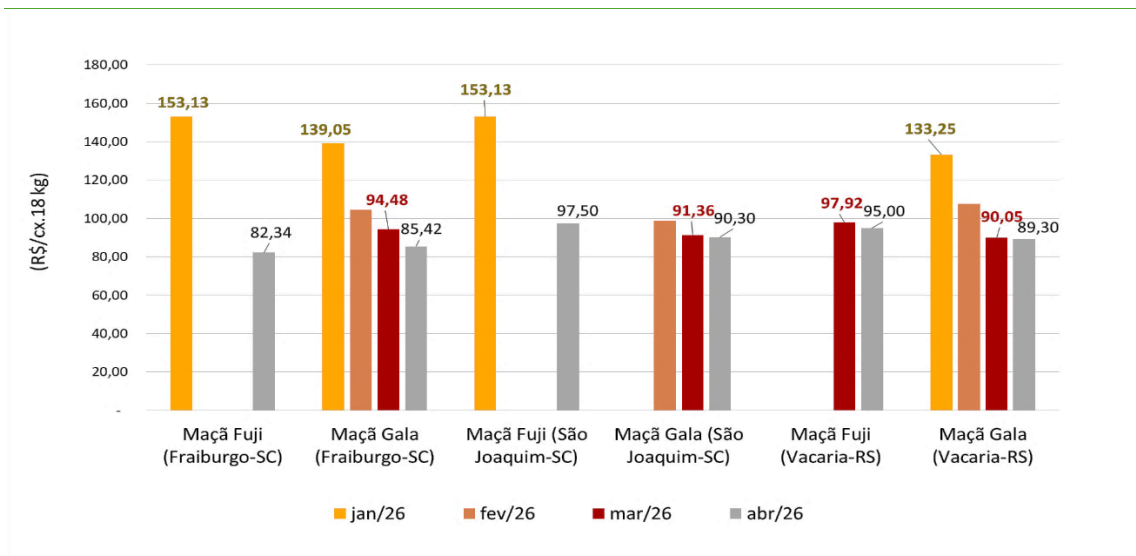


Figura 3. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País

(*) Maçã (cat.1) embalada; até 13 de abr./2026.

Fonte: Epagri/Cepa, Cepea/Esalq/USP e Agrolink

Na região de Fraiburgo/SC, entre fevereiro e março de 2026, as cotações da maçã Gala desvalorizaram 9,4%. Em março com aumento da colheita das maçãs Gala e Fuji na região a oferta regional pressionou os preços da fruta (Figura 3). A expectativa é de aumento da oferta e manutenção na queda das cotações, mas com margem adequada ao produtor devido a intensificação do volume classificado e comercializado.

Na região de São Joaquim/SC, entre fevereiro e março de 2026, as cotações da maçã Gala desvalorizaram 7,5% com aumento na colheita da variedade. Em abril, com a colheita da maçã Fuji o aumento na oferta deve manter os preços desvalorizados, mas com escalonamento nas classificadoras. A expectativa é de aumento no volume da produção regional mantendo a qualidade nas frutas em relação ao tamanho, crocância e coloração, o que representa maior margem ao produtor e classificadores.

Na região de Vacaria/RS, entre fevereiro e março de 2026, as cotações da maçã Gala desvalorizaram 16,2% com a oferta maior das frutas. A expectativa é de colheita da maçã Fuji em abril com desvalorização nos preços, mas com ganho aos produtores com o maior volume produzido na safra.



Evolução do calendário agrícola

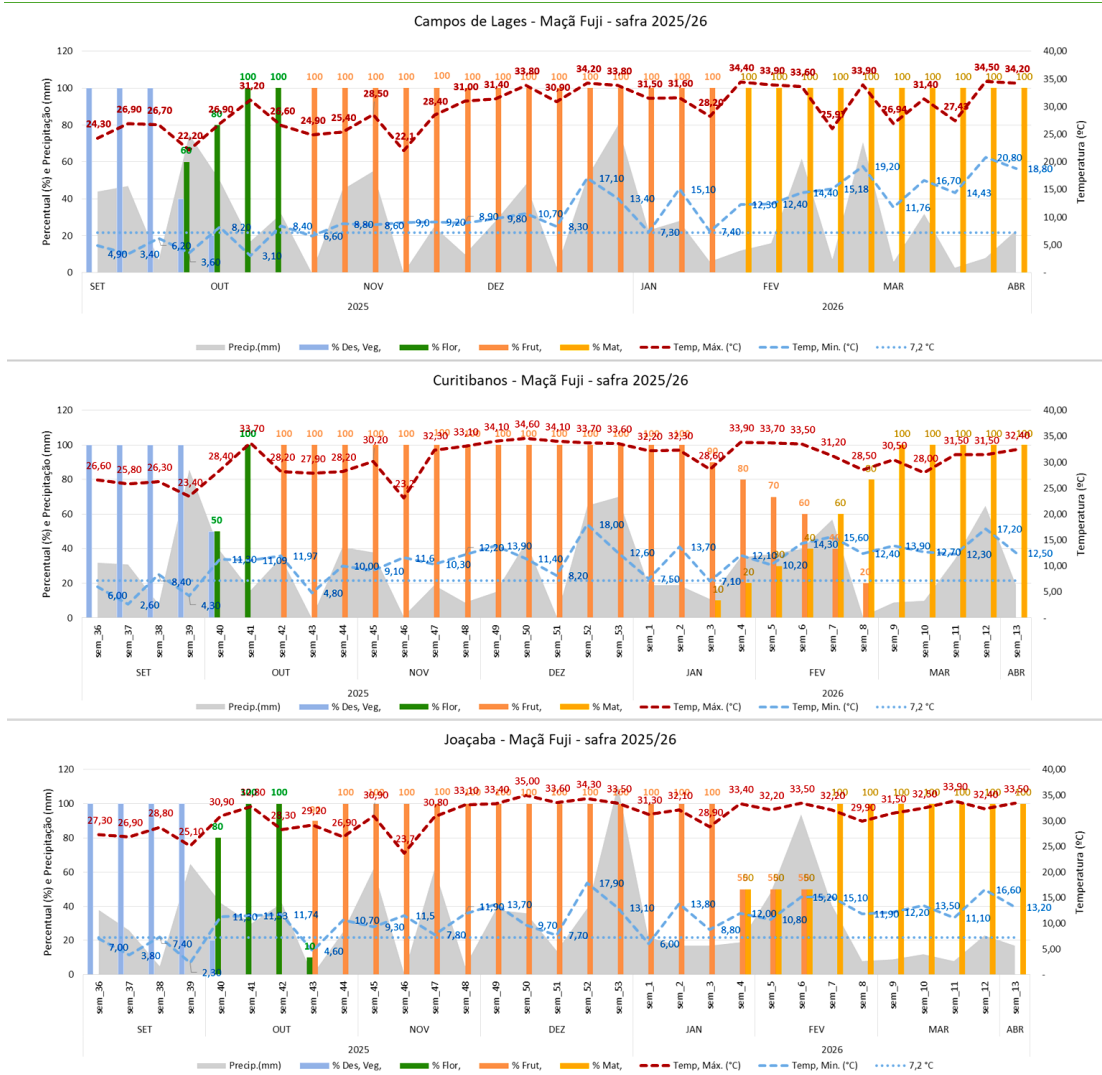


Figura 4. Maçã Fuji – Evolução da safra 2025/26 por região produtora de SC

Nota: Estimativa até 13 de abr./26

Legenda: Precip. (mm) - precipitação; Des.Veg. (%) - percentual de desenvolvimento vegetativo; Flor.(%) - percentual de floração; Frut.(%) - percentual de frutificação; Mat.(%) - percentual de maturação; Temp. Máx. (°C) - temperatura máxima; Temp. Min.(°C) - temperatura mínima.

Fonte: Epagri/Cepa e Epagri/Ciram

Conforme dados e informações do Projeto Safras e do Estudo das Cadeias Produtivas da Fruticultura (ambos do Epagri/Cepa), as regiões de Campos de Lages, Joaçaba e Curitibaanos são as principais produtoras de maçã Fuji no estado catarinense.

Na **microrregião dos Campos de Lages**, a safra da maçã Fuji iniciou com a aplicação de produtos para quebra de dormência e avanço da brotação ao longo de setembro, favorecida por temperaturas em elevação e boa insolação.

Em outubro, os pomares atingiram florescimento pleno, com condições sanitárias adequadas e bom potencial produtivo. A partir do final desse mês, iniciou-se a frutificação, com bom pegamento de frutos e realização de raleio químico. Durante novembro, os frutos apresentaram



desenvolvimento satisfatório, mesmo com registros pontuais de granizo sem impactos significativos. Em dezembro, a frutificação avançou com destaque para a qualidade dos frutos e expectativa de aumento de produção em torno de 20%. O início de 2026 manteve o bom desempenho, com frutos de bom calibre e sanidade, reforçando as projeções positivas. Em fevereiro, observou-se avanço da maturação, com ganho de cor e tamanho, e previsão de colheita para meados de março. As condições climáticas variaram, mas sem prejuízos relevantes ao desenvolvimento. Em março, a colheita iniciou de forma gradual, com maior presença da variedade Fuji. Os frutos apresentaram boa qualidade, tanto em sabor quanto em aparência. Em abril, a colheita seguiu em andamento, consolidando uma safra com produtividade satisfatória e qualidade elevada.

Nos pomares da **microrregião de Curitibaanos**, o inverno foi considerado excelente, favorecendo a quebra de dormência da maçã Fuji e estabelecendo alto potencial produtivo desde o início do ciclo.

Durante setembro e outubro, a floração ocorreu sob condições de elevada nebulosidade e excesso de chuvas, o que gerou preocupação quanto à polinização. Ainda assim, a avaliação geral manteve-se positiva devido à base climática favorável anterior. Em novembro, o clima tornou-se mais estável, permitindo bom desenvolvimento dos frutos e realização de raleio manual, com pomares vigorosos e saudáveis. Houve registros isolados de granizo, porém sem danos significativos à produção. Em dezembro, a frutificação estava consolidada, com expectativa de safra superior à anterior. Ao longo de janeiro e fevereiro de 2026, os pomares evoluíram para maturação, com temperaturas elevadas e previsão de início da colheita em meados de março. Em março, chuvas frequentes causaram leve atraso no início da colheita, mas sem comprometer o potencial produtivo. A qualidade dos frutos manteve-se elevada. A colheita ganhou ritmo ao longo do mês, com boas perspectivas confirmadas. Em abril, os trabalhos seguiram normalmente. A safra se consolidou com boa produtividade e qualidade acima das expectativas iniciais.

Na **microrregião de Joaçaba**, o ciclo iniciou mais lentamente, com a safra da maçã Fuji não iniciada em setembro ligeiramente atrasada em relação a outras regiões, com avanço para floração apenas em outubro. Ainda assim, o florescimento ocorreu em boas condições, favorecendo a definição da frutificação.

Ao longo de novembro, os pomares entraram em frutificação, apresentando bom desenvolvimento dos frutos e perspectivas positivas de produtividade. Foram registrados episódios pontuais de granizo, com impactos localizados, mas sem comprometer o cenário geral. Em dezembro, a frutificação estava bem estabelecida, mantendo boas expectativas produtivas. Durante janeiro de 2026, as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento contínuo dos frutos, sem grandes intercorrências. Em fevereiro, observou-se leve atraso no ciclo, mas com previsão consistente de início da colheita em meados de março. Em março, iniciou-se efetivamente a colheita, especialmente da variedade Fuji, com bons resultados iniciais. A qualidade dos frutos mostrou-se satisfatória, com bom padrão comercial. A colheita avançou ao longo do mês de forma contínua. Em abril, o ritmo foi intensificado, consolidando uma safra com boa produtividade e qualidade.



Comparativo de Safras

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2024/25 e a estimativa atual de 2025/26

Principais MRG com cultivo de maçã	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Prod. (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Prod. (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.596	69.388	26.729	2.563	68.998	26.921	-1,3	-0,6	0,7
Curitibanos	915	24.414	26.682	915	34.776	38.007	0,0	42,4	42,4
Campos de Lages	13.772	387.467	28.134	13.587	530.878	39.072	-1,3	37,0	38,9
Subtotal	17.283	481.269	27.846	17.065	634.652	37.190	-1,3	31,9	33,6
Outras	67	1.650	24.627	67	1.850	27.612	0,0	12,1	12,1
Total	17.350	482.919	27.834	17.132	636.502	37.153	-1,3	31,8	33,5

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

No comparativo de safras a estimativa é de recuperação de 32% na produção de maçã nas principais regiões produtoras na safra 2025/26 em relação à da safra anterior. A microrregião dos Campos de Lages está representando 83,6% da produção esperada, a de Joaçaba 10,9% e a de Curitibanos 5,5%. No total esperado de produção, a maçã Fuji representa 52,0% do volume com aumento esperado na produção de 19,6%, a maçã Gala representa 46,5% com aumento de 50,6% e as precoces com participação de 1,6% e aumento de 2,2% na produção estimada.



Grãos

Arroz.....	20
Feijão	23
Milho.....	27
Soja	31



Arroz

Glaucia de Almeida Padrão

Economista, Dra. - Epagri/Cepa

glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de março, os preços do arroz em casca apresentaram crescimento significativo nas principais praças. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, a média de março fechou em R\$58,83, o que representou um aumento de 7,35% em relação ao mês anterior. Já na média parcial de abril, os preços atingiram R\$62,48 (variação de 6,20% em relação a março), segundo dados do Cepea. Em Santa Catarina, segundo maior produtor e mercado fortemente influenciado pelo estado gaúcho, foi observado comportamento similar ao do Rio Grande do Sul. No mês de março, o preço médio pago ao produtor no estado totalizou R\$52,92 por saca de 50kg, representando uma variação de 8,42% em relação a fevereiro. Já no primeiro decêndio de abril, o mercado reagiu com mais intensidade, com média parcial de R\$57,56 por saca de 50kg (variação de 8,76% em relação a março).

Apesar da valorização, os preços ainda permanecem insuficientes para cobrir os custos de produção, estimados em R\$72,56 por saca de 50kg em Santa Catarina. Esse cenário tem levado os produtores a reterem a produção, na expectativa de melhores preços. Esse comportamento é atípico para o período do ano, uma vez que, com a intensificação da colheita no sul do país, seria esperado um movimento de queda nos preços. No entanto, diante de preços que não cobrem os custos, mesmo com o avanço da colheita, muitos produtores adotaram uma postura retraída e optaram por adiar as vendas. Cabe destacar ainda que, outros fatores têm contribuído para essa postura mais retraída dos produtores, tais como aumento do preço do diesel e incertezas quanto ao mercado externo, visto o desenrolar das tensões geopolíticas. Essa retenção limitou a disponibilidade imediata do produto no mercado físico. Como consequência, as indústrias elevaram pontualmente suas ofertas de compra, o que contribuiu para aumentos localizados nos preços.

Nesse contexto, embora a maior demanda da indústria durante o período de colheita possa sustentar os preços no curto prazo, os fundamentos de mercado ainda indicam dificuldades para uma recuperação mais expressiva. Assim, o setor produtivo segue pressionado por margens negativas, uma vez que os preços atuais não cobrem os custos de produção.

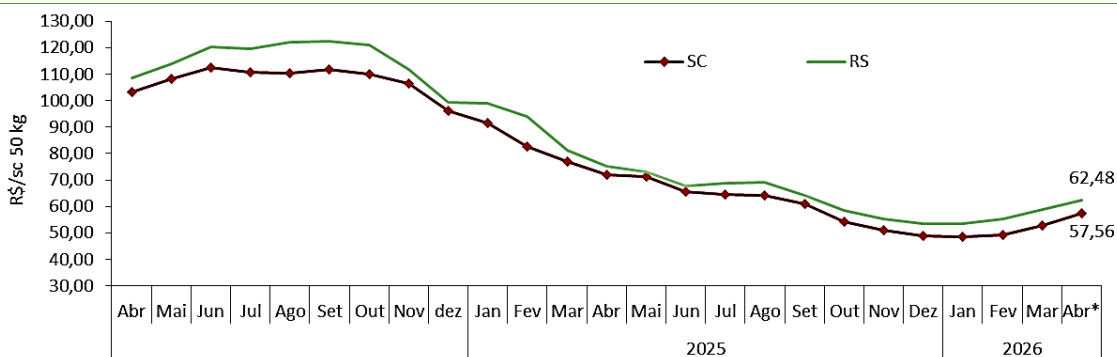


Figura 1. Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a abr./2025⁽¹⁾)

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Fonte: SC – Epagri/Cepa, RS – Cepea, abril/2026



Comércio Exterior

No que diz respeito ao comércio internacional de arroz, no ano de 2026, o mercado parece estar mais atrativo do que o ano anterior. Entre janeiro e março foram exportados o equivalente a US\$858,05 mil, o que representa uma variação de 35% em relação ao mesmo período do ano anterior. Entre os principais parceiros comerciais, destacam-se Cuba (39,1%), Senegal (17,7%) e Venezuela (14,2%). Destacam-se ainda os Estados Unidos, que configurou como o quarto destino das exportações catarinenses no primeiro trimestre do ano. De maneira geral, os destinos comerciais apresentaram crescimento expressivo dos volumes originados de Santa Catarina. Isto porque, o estado apresentou boa disponibilidade do grão após a safra recorde obtida e competitividade de preços, favorecida pelo câmbio e pela eficiência logística (localização dos portos), o que abriu uma janela de comércio externo. As exportações são apontadas como uma saída para reduzir a pressão da oferta interna sobre os preços, porém até o momento, não tem resultado em volume suficiente, haja vista a atuação dos demais países do Mercosul de forma mais competitiva do que o Brasil.



Figura 2. Arroz – SC: evolução das exportações anuais – (2020 a 2026⁽¹⁾)

⁽¹⁾ Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro a março.

Fonte: Comex Stat/Mdic, abril/2026

Do lado das importações, entre janeiro e março de 2026, o estado importou 5,23 milhões toneladas o que representa uma variação de -13,34% em relação ao mesmo período de 2025. Isto porque, a oferta interna continua alta e os preços baixos. Entre os principais parceiros comerciais, destacam-se Uruguai (49,59%), Argentina (21,59%) e Itália (9,67%). O Paraguai, principal origem das importações catarinenses destaca-se como quarto no ranking nesse primeiro trimestre do ano. Isto porque, a importação originada neste país se intensifica no segundo semestre, quando ocorre o período de entressafra nacional.



Acompanhamento de safra



No que se refere à safra 2025/26 de arroz, em Santa Catarina, as estimativas da Epagri/Cepa apontam para uma leve redução de área cultivada, projetada em 1,28% em relação à safra anterior. A produtividade também deve ser menor, estimada em 8.791kg/ha, o que representa uma redução de 1,73% frente à safra passada. Essa queda, porém, reflete principalmente o desempenho excepcional registrado no ciclo anterior, com a atual safra retornando a níveis mais próximos da normalidade, mas também o menor aporte de recursos em insumos como adubação e agrotóxicos, diante do cenário de preços pagos menores que os custos de produção. A combinação entre menor área plantada e redução de produtividade deverá resultar em uma produção total de 1,260 milhão de toneladas. De forma geral, a

expectativa é de uma safra normal com resultados positivos, ainda que menos expressivos do que os alcançados em 2024/25. Atualmente, 100% da área estimada para o estado de Santa Catarina já foi semeada, e 92% da área foi colhida até final de março. Do que está a campo, 100% encontram-se em maturação e deverá ser colhido nas próximas semanas. De maneira geral, 94% das lavouras encontram-se em condições boas, embora ocorram registros pontuais de altas temperaturas e de pragas associadas à umidade.

Tabela 1. Arroz – Comparativo de safras

Microrregião	2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.848	9.058	533.039	58.434	9.133	533.705	42,33	-0,70	0,83	0,12
Blumenau	7.048	9.883	69.654	6.993	8.950	62.590	4,96	-0,78	-9,44	-10,14
Criciúma	21.829	9.185	200.501	21.889	8.716	190.789	15,13	0,27	-5,10	-4,84
Florianópolis	1.894	6.946	13.155	2.080	6.571	13.668	1,08	9,82	-5,40	3,90
Itajaí	8.987	8.424	75.707	8.504	8.330	70.839	5,62	-5,37	-1,11	-6,43
Ituporanga	170	8.405	1.429	175	9.000	1.575	0,12	2,94	7,08	10,22
Joinville	17.709	8.366	148.150	17.525	8.313	145.685	11,55	-1,04	-0,63	-1,66
Rio do Sul	9.990	9.861	98.510	9.896	10.253	101.465	8,05	-0,94	3,98	3,00
Tabuleiro	132	8.045	1.062	120	8.900	1.068	0,08	-9,09	10,63	0,56
Tijucas	2.164	7.377	15.963	1.960	7.322	14.352	1,14	-9,43	-0,74	-10,09
Tubarão	16.523	8.633	142.648	15.852	7.895	125.158	9,93	-4,06	-8,54	-12,26
Santa Catarina	145.294	8.946	1.299.818	143.428	8.791	1.260.894	100,00	-1,28	-1,73	-2,99

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de março, a tendência de alta no preço médio recebido pelos produtores catarinenses manteve a trajetória de alta. O feijão-carioca teve variação positiva de 10,97%, fechando o mês em R\$237,38/sc 60kg. Para o feijão-preto, a alta mensal foi de 9,60%, encerrando o período em R\$156,03/sc 60kg. Na variação anual, o preço médio da saca de feijão-preto está 7,70% mais baixo em comparação a março de 2025, quando foi cotado a R\$169,05/sc 60kg.

Tabela 1. Feijão BR – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

Estado	Tipo	Fev./26	Mar./26	Variação mensal (%)	Mar./25	Variação anual (%)
Santa Catarina		213,92	237,38	10,97	161,63	46,87
Paraná		290,12	300,37	3,53	211,91	41,74
Minas Gerais	Feijão-carioca	304,67	333,57	9,49	211,91	57,41
Bahia		313,13	337,50	7,78	260,56	29,53
São Paulo		297,25	319,00	7,32	226,00	41,15
Goiás		286,39	305,60	6,71	224,97	35,84
Santa Catarina		142,36	156,03	9,60	169,05	-7,70
Paraná	Feijão-preto	171,16	177,22	3,54	166,26	6,59
Rio Grande do Sul		128,88	139,56	8,29	170,42	-18,11

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), abr./2026.

No mês de abril, com preços levantados até o dia 13, o preço médio do feijão-carioca apresenta manutenção de alta no mercado catarinenses, chegando a R\$257,62/sc 60kg, elevação de 8,53% em relação à média de abril. Para o feijão-preto, observa-se a mesma tendência, com alta de 3,3% no período de análise. No cenário nacional, segundo o Cepea/Esalq, o setor enfrenta um consumo mais lento nos supermercados, com varejistas priorizando produtos de menor preço e reduzindo promoções dos tipos mais caros.

Safra Nacional

Segundo dados da Conab, as estimativas para a primeira safra de feijão apontam uma queda de 10,3% na produção. Esse resultado foi impulsionado pela redução significativa de 11,6% na área plantada em comparação à temporada anterior. Para a segunda safra, também se observa retração: a produção caiu 6,6%, resultado da combinação de uma área 3,4% menor e uma queda de 3,3% na produtividade.

Em âmbito nacional, até o dia 13 de abril, cerca de 76,5% da área da primeira safra já havia sido colhida. Na Bahia, a persistência das chuvas não comprometeu o avanço dos trabalhos de campo. Já no Rio Grande do Sul, o clima instável e a alta nebulosidade impediram um progresso maior nas lavouras remanescentes do Planalto Superior. Estas encontram-se em plena maturação, com



condições variando entre boas e regulares, embora registrem perdas pontuais de qualidade devido ao excesso de umidade e às chuvas ocorridas durante o estágio final.

Em abril, a Conab revisou a estimativa de consumo para a safra 2025/26 para 2,7 milhões de toneladas, igualando o volume registrado no ciclo 2024/25. Paralelamente, os dados de exportação da safra passada foram atualizados com uma revisão positiva de 533,2 mil toneladas. Para o ciclo atual (2025/26), a previsão de produção é de aproximadamente 2,9 milhões de toneladas — uma queda de 5,1% frente à safra anterior. Esse recuo decorre, sobretudo, da redução de 4,1% na área cultivada, que passou de 2,69 milhões para cerca de 2,58 milhões de hectares.

Tabela 2. Feijão BR – Balanço de oferta e demanda (em mil toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2019/20	259,7	3.222,10	113,6	3.595,40	3.150,00	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,80	83,1	3.245,60	2.900,00	223,7	121,9
2021/22	121,9	2.990,20	76,1	3.188,20	2.850,00	136,1	202,1
2022/23	202,1	3.036,70	69	3.307,80	2.850,00	139	318,8
2023/24	318,8	3.198,60	22,2	3.539,60	2.900,00	343,6	296
2024/25	296	3.059,90	13,9	3.369,80	2.700,00	533,2	135,9
2025/26 ⁽¹⁾	135,9	2.902,20	21,6	3.059,70	2.700,00	214,3	145,4

Nota: Estimativa em abril/2026.

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Conab, abril/2026

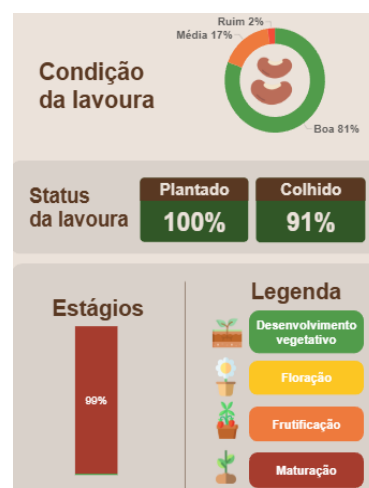
Safra Catarinense

Feijão 1ª Safra

Até o final de março, a colheita da primeira safra de feijão atingiu 91% da área total no estado, com 99% das lavouras em estágio de maturação. Atualmente, 81% das áreas apresentam boas condições e 17% são classificadas como regulares. O ciclo foi marcado por uma grande oscilação climática: na primavera de 2025, o desenvolvimento inicial foi retardado por temperaturas abaixo da média (anomalias de -0,5°C a -1,5°C) e geadas tardias no Planalto Sul em novembro e dezembro.

Durante o verão, a irregularidade das chuvas foi o fator predominante. Enquanto o Litoral registrou volumes elevados e temporais frequentes, o Grande Oeste enfrentou períodos de restrição hídrica típicos do fenômeno *La Niña*. Além disso, tempestades severas com granizo e tornados no Planalto

Norte e Oeste, em novembro, causaram danos pontuais. Em suma, as chuvas excessivas no final do ciclo e os temporais entre dezembro e janeiro prejudicaram a qualidade dos grãos em certas regiões, embora o volume total tenha atendido às expectativas de abastecimento.





Com dados praticamente consolidados, a safra 2025/26 confirmou uma redução de 24% na área plantada, totalizando 26,5 mil hectares. A produtividade média foi revisada para 1.978kg/ha — um recuo de 3,7% frente aos 2.054kg/ha do ciclo anterior. Com isso, a produção estimada é de 52,5 mil toneladas, uma retração de 26,7% em comparação ao ano anterior.

Tabela 3. Feijão 1ª Safra – SC: Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	60	1.355	81,285	-	-	-	-	-	-	-
Blumenau	117	1.264	147,9	117	1.416	166	0,32	0,00	11,99	11,98
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	3.655	1.890	6.908	13,16	-40,91	12,70	-33,38
Canoinhas	7.700	1.856	14.293	6.850	1.780	12.196	23,24	-11,04	-4,07	-14,67
Chapecó	4.330	2.592	11.224	2.830	1.638	4.635	8,83	-34,64	-36,81	-58,70
Concórdia	305	1.236	377	298	1.502	448	0,85	-2,30	21,55	18,75
Criciúma	568	1.461	830	25	1.212	30	0,06	-95,60	-17,04	-96,35
Curitibanos	1.830	2.450	4.484	1.379	1.799	2.481	4,73	-24,64	-26,58	-44,68
Itajaí	150	1.200	180	3	1.500	5	0,01	-98,00	25,00	-97,50
Ituporanga	845	2.001	1.691	915	1.984	1.815	3,46	8,28	-0,87	7,33
Joaçaba	2.640	2.579	6.810	2.649	2.579	6.831	13,02	0,34	-0,01	0,31
Rio do Sul	757	1.879	1.422	687	1.900	1.306	2,49	-9,25	1,14	-8,19
São Bento do Sul	600	1.648	989	530	1.557	825	1,57	-11,67	-5,51	-16,55
São Miguel do Oeste	1.828	2.380	4.350	1.277	2.358	3.012	5,74	-30,14	-0,91	-30,77
Tabuleiro	325	1.791	582	305	1.800	549	1,05	-6,15	0,50	-5,67
Tijucas	170	1.489	253,1	55	1.585	87	0,17	-67,65	6,48	-65,55
Tubarão	570	1.385	789,53	250	1.212	303	0,58	-56,14	-12,51	-61,63
Xanxerê	5.908	2.162	12.774	4.704	2.315	10.890	20,75	-20,38	7,08	-14,75
Total geral	34.888	2.054	71.647	26.529	1.978	52.485	100,00	-23,96	-3,68	-26,74

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Feijão 2ª Safra

O plantio da segunda safra de feijão (2025/26) está praticamente concluído. Atualmente, o mapa fenológico aponta 77% da área em desenvolvimento vegetativo, 19% em floração e 4% em fase de maturação. O vigor das lavouras é positivo: 90% apresentam boas condições e 10% situação regular.

O cenário climático permanece favorável na maior parte do estado. Apesar da má distribuição pluvial observada no Oeste e Extremo Oeste durante fevereiro, as chuvas registradas nas demais regiões sustentaram o potencial produtivo, sem danos relevantes até o momento. Para o segundo trimestre, previsão de final do *La Niña*, o fenômeno está perdendo força, com tendência de neutralidade climática para o período.

A segunda safra de feijão 2025/26 apresenta uma redução de 43,6% na área plantada, totalizando 18,9 mil hectares. Apesar da valorização dos preços pela escassez de oferta, o risco climático desencorajou o plantio fora da janela recomendada. A produtividade estimada em 1.791 kg/ha supera em 4,5% o índice anterior, mas não compensa a queda de área: a produção total deve recuar 41,0%, situando-se em 33,9 mil toneladas. A





combinação de custos elevados (insumos e logística), instabilidade internacional e preços desfavoráveis no período de semeadura explica a menor intenção de plantio nesta temporada.

Tabela 4. Feijão 2ª Safra – SC: Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	583	1.139	664	114	1.132	129	0,38	-80,4	-0,7	-80,6
Canoinhas	2.960	1.675	4.959	2840	1.641	4.660	13,76	-4,1	-2,1	-6,0
Chapecó	5.692	1.816	10.338	3.209	1.702	5.460	16,12	-43,6	-6,3	-47,2
Criciúma	848	1.118	948	118	1.527	180	0,53	-86,1	36,6	-81,0
Curitibanos	1.690	2.113	3.571	1.380	2.400	3.312	9,78	-18,3	13,6	-7,3
Ituporanga	615	814	500	390	723	282	0,83	-36,6	-11,1	-43,6
Rio do Sul	320	854	273	230	1.135	261	0,77	-28,1	32,9	-4,5
São Bento do Sul	140	1.536	215	140	1.536	215	0,63	0,0	0,0	0,0
São M. do Oeste	3.180	1.470	4.673	1908	1.749	3.337	9,85	-40,0	19,0	-28,6
Tijucas	-	-	-	25	1.520	38	0,11	-	-	-
Tubarão	724	1.212	877	202	1.080	218	0,64	-72,1	-10,8	-75,1
Xanxerê	16.760	1.813	30.379	8360	1.887	15.777	46,58	-50,1	4,1	-48,1
Total geral	33.512	1.713	57.399	18.916	1.791	33.869	100,00	-43,6	4,5	-41,0

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026



Milho

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado do milho

Os preços físicos orbitam os R\$59,00/sc com baixa liquidez e cautela generalizada entre os compradores internos. A retração das cotações em 30 dias, preço ao produtor, média estadual foi de 2,09% (Figura 1 e 2). O avanço da colheita de verão e as boas condições climáticas da safrinha reforçam a expectativa de oferta elevada durante 2026¹. O fator climático está agindo com forte influência no período. Em Chicago e na B3 (Ibovespa), as cotações refletem a produção e estoques confortáveis do USDA² e a menor competitividade das exportações. O suporte contra quedas maiores reside na demanda recorde para etanol e no novo fluxo de DDGS à China.

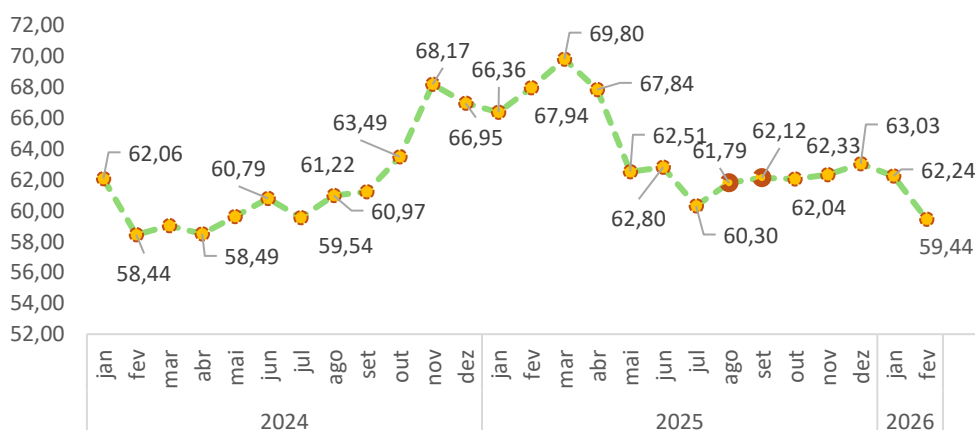
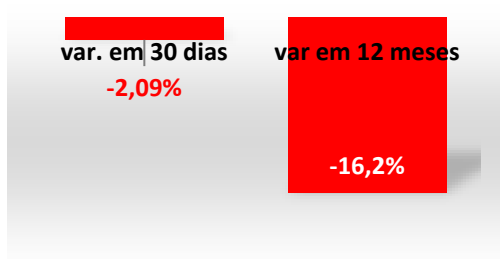


Figura 1. Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a mar./2026)

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Variação de preços



A variação dos preços nos dois cenários foi na mesma direção (base fevereiro), em 30 dias houve recuo de 2,09%, e nos últimos 12 meses, a variação também foi negativa, de 16,2%.

Figura 2. Milho – SC: variação dos preços em 12 meses e 30 dias (base março/2026)







Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

¹ Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.13 – Safra 2025/26, n° 7 – Sétimo levantamento | abril 2026.

² Global Market Analysis. Foreign. Agricultural Service/USDA 25 April 2026



Fatores de mercado do milho no início de abril de 2026

Rank	Fator de Mercado	Impacto no Preço	Observação
1º	Câmbio (Dólar)	 negativo	A queda do dólar para a casa dos R\$5,00 (e abaixo disso em 15 de abril/26) retirou a competitividade de exportação e pressionou as cotações na B3.
2º	Desenvolvimento da Safrinha	 negativo	A melhora das chuvas e o encerramento do plantio dentro da janela na maior parte do país elevam a expectativa de oferta futura.
3º	Demanda Interna Retraída	 negativo	Compradores (indústrias e granjas) estão cautelosos, operando "da mão para a boca" à espera de quedas maiores com o avanço da colheita.
4º	Estoques dos EUA e USDA	 negativo	O relatório do USDA reforçou estoques elevados de milho, trazendo um cenário de abundância global que limita altas em Chicago.
5º	Etanol de Milho e DDGS	 positivo	A expansão das usinas (como a 3tentos e o polo de Sorriso) e a abertura do mercado chinês para o DDGS brasileiro sustentam o preço no "chão de fábrica".
6º	Geopolítica e Logística	 volátil	Conflitos no Oriente Médio e fretes caros devido ao petróleo volátil geram incerteza no fluxo de exportação, especialmente para o Irã.

Perspectivas de Preços e Análise de Mercado

Safra 2025/2026

Primeira safra – milho grão

Foi registrado elevação da área de cultivo de milho grão – primeira safra de 2% em relação à safra anterior (Figura 3). A safra em curso (2025/2026) é avaliada com bom desempenho, com problemas climáticos localizados. A produtividade estimada está em 9.004kg/ha, cerca de 9% inferior ao ciclo anterior que foi uma excelente safra.

2025 / 26	2024 / 25	Varição
Área plantada (ha)		
260.851	255.761	1,99%
Produtividade Média (kg/ha)		
9.004	9.852	-8,60%
Quantidade Produzida (t)		
2.348.773	2.519.658	-6,78%

Figura 3. Milho-grão primeira 2025/26: área, produção e rendimento, comparativo com a safra 2024/25

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026



Segunda safra – milho grão

A safra de milho 2ª safra 2025/26 em Santa Catarina apresenta redução significativa de área (-31%), refletindo menor intenção de plantio. Apesar disso, há expectativa de aumento de produtividade média (+12,4%), indicando melhor desempenho das lavouras implantadas. Ainda assim, a produção total deve cair cerca de 22%, impactada principalmente pela menor área e por perdas causadas pela estiagem de março de 2026, especialmente no Alto Vale do Itajaí. Além disso, inicia-se o monitoramento do milho para silagem na segunda safra, ampliando o acompanhamento técnico da cultura.

2025 / 26	2024 / 25	Varição
Área plantada (ha)		
23.812	34.672	-31,32%
Produtividade Média (kg/ha)		
6.353	5.651	12,42%
Quantidade Produzida (t)		
151.271	195.930	-22,79%

Figura 4. Milho-grão segunda safra 2025/26: área, produção e rendimento, comparativo com a safra 2024/25

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Síntese geral (visão técnica)

- A 1ª safra de Milho está em fase **final ou já concluída** na maior parte do estado.
- **Produtividade e qualidade predominantemente boas**, com destaque para Oeste e Meio-Oeste.
- Estiagem em alguns municípios do Alto Vale do Itajaí afetam produtividade da segunda safra.
- A produção total das duas safras soma cerca de 2,5 milhões de toneladas.

As Lavouras na primeira safra estão na fase final de maturação em várias regiões (Figura 5), com 79% já foi da área estimada de plantio já colhida até a primeira semana de abril.

As condições das lavouras foram 84% boas, 16% em condições médias a ruim.

A **produtividade esperada** é inferior ao ciclo passado, a qual foi recorde, mas ainda considerada boa, sendo a segunda melhor da série histórica do Cepa.



Figura 5. Milho-grão primeira: condição de desenvolvimento das lavouras, na primeira semana de dezembro

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Safra Nacional

A produção total, somando as três safras, está estimada em 138,4 milhões de toneladas, redução de 1,9% em relação à safra anterior. Em relação a primeira safra, na atual safra teve crescimento da área cultivada de 7,2%, com reflexo na elevação da produção que representa 27,9 milhões de toneladas³, aumento de 7,1% frente ao ciclo anterior. O plantio da segunda safra, em fase final de implantação, tem previsão de 17,9 milhões de hectares, e produção estimada de 109 milhões de toneladas. O plantio desta safra no centro Oeste está atrasado, o que poderá repercutir no rendimento e no mercado no segundo trimestre. A terceira safra com produção prevista de 2,5 milhões de toneladas.

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
22.483,2 mil ha	6.208 kg/ha	139.571,9 mil t
+ 3,0%	- 4,0%	- 1,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

Figura 6. Milho, Brasil: Área – Condição de desenvolvimento das lavouras, na primeira semana de dezembro

Fonte: Conab, abril/2026

³ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, n° 5 – Quinto levantamento | fevereiro 2026.



Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Em março a cotação do preço médio da soja ao produtor apresenta uma pequena recuperação de 1,6% (Figura 1 e 2), registro de R\$118,9 reais/sc, preço ao produtor, média estadual. A safra volumosa no Brasil de 178 milhões de toneladas¹, que está sendo colhida e a elevação da oferta global da oleaginosa tem pressionado os preços no início deste ano. O conflito no Oriente médio (alta do petróleo/óleo de soja) tem sido o principal fator das instabilidades do mercado.

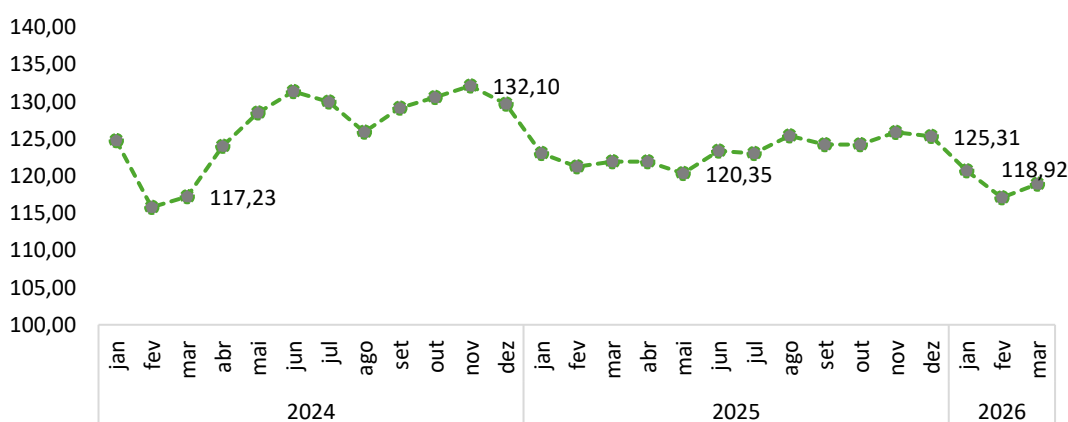
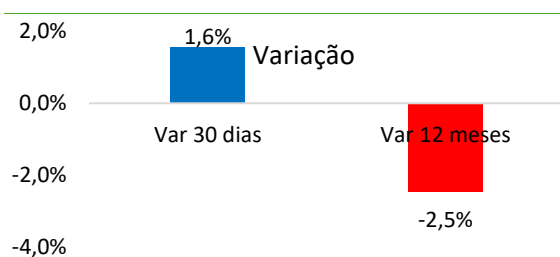


Figura 1. Soja - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor por saca de 60Kg- (out. /2024 a jan. 2026)

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Variação dos preços



A variação dos preços apresentou sentidos diferentes nos dois cenários: em 30 dias (base março-2026) houve recuo de 3,0%, e nos últimos 12 meses março 2025 a março/2026) a variação foi negativa de 2,5%.

Figura 2. Soja - SC: Variação dos preços médio real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base março/2026)

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026.



Fatores que influem o mercado da soja em início de abril/2026

Preços e Geopolítica: Chicago sobe para **\$11,50/bu (contrato maio em 15 de abril/26)**, mas sofre volatilidade pelo adiamento da cúpula entre EUA e China (Trump-Xi) e estoques apertados.

Derivados: Óleo de soja atinge picos de 2023 impulsionado pelo petróleo e biocombustíveis, enquanto farelo bate recordes de exportação.

Cenário Brasil: Real valorizado e fretes em elevação (colheita da safra em 74%) achatam as margens do produtor e travam a liquidez interna.

Oferta Futura: USDA projeta expansão de **4,3% na área dos EUA** para 2026/27, servindo como teto para altas agressivas na Bolsa.

Gatilhos: A implementação do **B16** no Brasil e as tensões no Oriente Médio são os fatores cruciais para a sustentação do óleo e por efeito no complexo soja.

Safra Catarinense 2025/2026

A produção total de soja no estado, primeira e segunda safra está estimado em 3,07 milhões de toneladas, 5,9% inferior a safra passada (Observatório do AgroCatarinense).

Primeira Safra

A safra de soja, primeira safra de 2025/2026, teve uma diminuição na área plantada de 1,6%. No atual relatório aponta para redução de 5,5% na produtividade em relação à safra anterior, a qual foi a melhor da série histórica. Esta diminuição da produtividade das lavouras reflete na redução da produção estadual em 7% nesta safra. Houve um atraso no plantio em função do prolongamento do frio até outubro de 2025. A estiagem e altas temperaturas registradas em janeiro em algumas regiões provocaram uma diminuição na expectativa inicial da produtividade. As informações são atualizadas mensalmente.

2025 / 26	2024 / 25	Varição
Área plantada (ha)		
758.797	770.529	-1,52%
Produtividade Média (kg/ha)		
3.828	4.055	-5,58%
Quantidade Produzida (t)		
2.905.022	3.124.178	-7,01%

Tabela 2. Soja 1ª safra - Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026 – Sistema de Acompanhamento de Safras – Infoagro



Segunda Safra

A segunda safra de soja 2025/2026, teve aumento significativo na área plantada de 21,4%. Mais de 72 mil hectares foram cultivados. No atual relatório, aponta para redução de 4,6% na produtividade em relação à safra anterior. O aumento da área cultivada reflete no aumento da produção estadual nesta safra em 15,9%.

2025 / 26	2024 / 25	Varição
Área plantada (ha)		
72.006	59.303	21,42%
Produtividade Média (kg/ha)		
2.421	2.538	-4,58%
Quantidade Produzida (t)		
174.358	150.495	15,86%

Tabela 2. Soja 1ª safra - Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras. Infoagro

Calendário e condição das lavouras no estado (Primeira safra)

Até a primeira semana de abril, 58% da área estimada já foram colhidas. A condição das lavouras está 85% boa até o momento. As condições de tempo mais seco observadas em janeiro e fevereiro associado a altas temperaturas têm reduzido a disponibilidade de umidade no solo, sinais de estresse hídrico e início de secamento em lavouras. Devido a este período longo sem chuvas, estima-se que que ocorra uma redução no potencial produtivo em algumas regiões que foram mais afetadas em período de enchimento de grãos.

Na região Campos de Lages e do Meio Oeste, em alguns municípios houve estiagem superior a 20 dias. No entanto, a produção geral do estado não deverá ser afetada de maneira significativa.



Figura 4. Soja – Primeira safra SC: Calendário e condições das lavouras, safra 2025/2026, primeira semana de abril/2026

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026



Calendário e condição das lavouras no estado (Segunda safra)

Recuperação hídrica no Oeste: As chuvas da primeira semana de abril reverteram o alerta de estiagem em Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste, estabilizando as lavouras que apresentavam baixa inserção de vagens. Fase fenológica crítica: A maior parte do estado encontra-se em floração e início de enchimento de grãos, período de máxima demanda hídrica e determinante para o rendimento final da safrinha. Condição das lavouras: O índice de lavouras em condições boas/ótimas permanece elevado (entre 85% e 96%), com exceção de Concórdia (77%), que ainda reflete danos residuais do calor de fevereiro. Gestão de Custos: Observa-se uma redução estratégica no investimento em manejo e insumos por parte dos produtores em algumas regiões, o que pode limitar o teto produtivo da safra. Transição Climática Favorável: A entrada do outono trouxe temperaturas mais amenas e chuvas bem distribuídas, favorecendo a sanidade das plantas e o controle natural de pragas e doenças.



Figura 4. Soja, segunda safra – SC: calendário e condições das lavouras, safra 2025/26, primeira semana de abril/2026

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Safra Nacional

A Conab⁴ estima em 48,47 milhões de hectares de área plantada na atual safra 2025/26, crescimento de 2%, sobre a safra anterior, com produção recorde prevista em 179 milhões de toneladas (Figura 6), que confere volume de 4,5% superior ao período anterior. A tecnologia aplicada e as condições climáticas no período favoreceram o desenvolvimento das lavouras.

⁴ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, n° 7 – Quinto levantamento | abril 2026.



ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
48.472,7 mil ha	3.696 kg/ha	179.151,6 mil t
+2,4%	+2,0%	+4,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

Figura 6. Soja – Brasil: área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Fonte: CONAB, acompanhamento de safra, abril/2026



Hortalças

Alho	37
Cebola.....	40



Alho

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

A oferta de alho catarinense segue elevada. O escoamento continua estrangulado pelas exigências quanto ao nível de beneficiamento exigido e pela oferta advinda de outros países. Há alguma demanda por alho toaletado, e pouca para alho escovado. O alho toaletado possui um custo mais elevado, porém o preço pago está aquém dos custos. Até o presente momento, 40% da safra catarinense foi comercializada. O restante permanece armazenado.

Na Figura 1 consta o preço médio da caixa de 10 quilos para um período de dois anos. Em março, o preço foi cotado a R\$7,43 o quilo, valor que é 5% inferior ao preço praticado em fevereiro, quando estava em R\$7,83, e 55% inferior ao preço praticado em março de 2025, quando estava sendo adquirido a R\$16,40. As lacunas na linha do gráfico indicam os momentos em que não houve comercialização do alho pelo produtor.

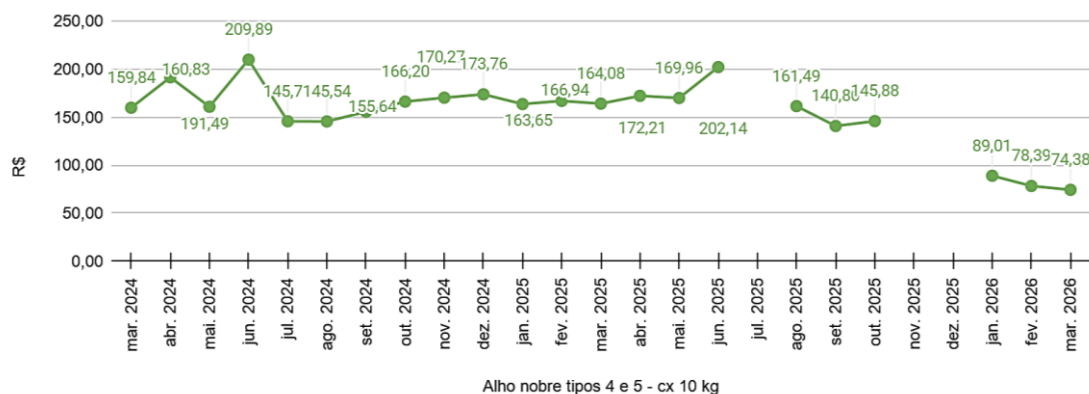


Figura 1. Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (mar./2024 a mar./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

A redução no preço do alho no mês de março aumentou ainda mais a diferença entre o custo de produção por hectare e o valor bruto recebido pela venda do produto. No mercado atacadista, da mesma forma que o registrado para o preço ao produtor, houve queda nos preços no mês de março. A Figura 2 traz os preços da caixa de 10 quilos de alho nobre, tipos 4 e 5, no segmento da cadeia produtiva posterior ao produtor. Conforme essa figura, o alho foi comercializado a um preço de R\$12,58 o quilo, que é 2% inferior ao preço de janeiro e 41% inferior ao preço registrado há exatamente um ano atrás. No mês passado e no mesmo mês do ano passado, o alho foi comercializado a R\$12,86 e R\$21,34, respectivamente.

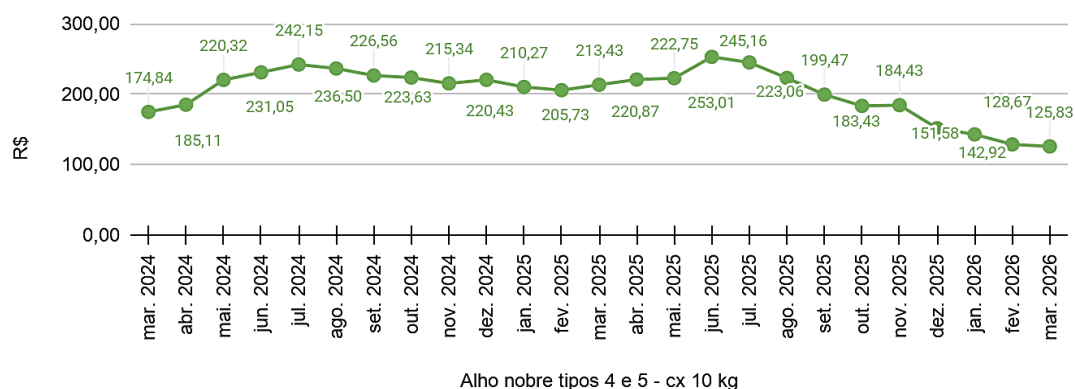


Figura 2. Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (mar./2024 a mar./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, abril de 2026

No boletim passado já havia sido informado que o preço, tanto ao produtor como no atacado, era o mais baixo dos últimos dois anos. No mês de março, com esta nova queda nos preços, o valor pago pelo produto têm um novo registro de baixa. O mercado nacional, em março, permaneceu muito similar ao dos meses anteriores: há um excesso de oferta de alho, tanto importado quanto o de origem interno, o que provoca queda nos preços e restringe as oportunidades de comercialização. No Cerrado, especialmente em Goiás, ainda existe alho a ser comercializado da safra cuja colheita finalizou em setembro. O alho goiano está armazenado em câmaras frias. Não está sendo usado o antibrotante hidrazida malêica.

Safra Catarinense

Apesar das dificuldades na comercialização, a safra catarinense foi de ótima qualidade. De acordo com dados da Epagri/Cepa, a produtividade de 11.831 quilos por hectare foi a mais elevada para o período que vai de 2012 até 2025. O ano de 2013 registrou a segunda maior produção da série quando, em média, foram colhidos 11.743 quilos por hectare. Reforça-se que esse rendimento é um resultado positivo do bom manejo dos canteiros e das condições climáticas registradas durante o ciclo produtivo. As variações em números percentuais e absolutos, para área, volume produzido total e média do volume produzido por hectare podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Prod.
Campos de Lages	29	9.528	276	16	9.938	159	1,80%	-	4,3	-42,39
Curitibanos	321	10.942	3.512	405	11.894	4.817	54,50%	26,17	8,7	37,16
Joaçaba	309	11.133	3.440	326	11.847	3.862	43,70%	5,5	6,41	12,27
Total geral	659	10.969	7.229	747	11.831	8.838	100,00%	13,35	7,86	22,26

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026



No comparativo com os demais anos da série histórica o volume produzido é superior àqueles registrados em 2023 e 2024. Desde 2012 houve significativa redução na área plantada de alho em Santa Catarina. O ano com a maior produção foi 2013, quando foram colhidas 24.543 toneladas em uma área de 2.090 hectares. Já a maior área foi cultivada em 2018, com plantio de 2.406 hectares. Conforme a tabela acima, a produção da safra 2025/26 é 22% superior à da safra passada. A produtividade está, aproximadamente, 8% acima da safra de 2024/25 e a área é 13% mais elevada.

Importações

No mês de março houve um leve retrocesso de 6% no volume de alho importado. No entanto, esta leve retração não favoreceu o escoamento significativo da safra que segue armazenada pelos principais estados produtores. Em março, o país importou 16,7 mil toneladas. Com relação ao mesmo mês de 2025 houve incremento de 4% no volume incorporado, conforme se visualiza na Tabela 2.

Tabela 2. Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a mar./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,3	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	16,66	-	-	-	-	-	-	-	-	-	48,16

Fonte: Comex Stat/MDIC, abril/2026. Em mil toneladas

Essas importações têm atrapalhado o escoamento da produção nacional, como foi destacado no primeiro item deste capítulo. O ideal seria impor algum tipo de barreira alfandegária que dificultasse a entrada de alho estrangeiro no Brasil até que a produção nacional fosse, pelo menos em boa parte, comercializada. Em termos de custo da importação, que é mensurado em dólares americanos (*Free on Board* - FOB), foi despendido US\$20,11 milhões com a importação de alho em março, conforme Tabela 3 exposta logo a seguir. Esse montante financeiro é 3% inferior ao de fevereiro e 10% menor do despendido em março de 2025.

Tabela 3. Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a mar./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,1	24,33	18,14	16,1	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,5
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,1	211,42
2026	17,64	20,83	20,11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	58,58

Fonte: Comex Stat/MDIC, abril/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos

Assim, depreende-se que o preço médio pago pelo quilo do alho importado em março deste ano foi de US\$1,21, sendo superior ao praticado em fevereiro. Em fevereiro, pagou-se, em média, US\$1,17 pelo quilo de alho importado, já em março de 2025 foram gastos US\$1,40 com cada quilo importado do produto. Desta forma, afere-se que o alho que tem ingressado no mercado interno chega, realmente, a um preço mais baixo do que o custo de produção do alho brasileiro. O principal país exportador de alho para o Brasil é a Argentina. Desse país advieram 95% do total importado. Da China advieram 3% e do Chile, 2%.



Cebola

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado - preço ao produtor e no mercado atacadista

As cebolas catarinenses seguem sendo comercializadas. Ao longo do mês de março o volume comercializado alcançou 70% do total produzido em Santa Catarina. Os preços pagos ao produtor tiveram uma reação considerável e o preço médio mensal foi de R\$1,63 o quilo. Esse valor é 125% superior ao praticado no mês de fevereiro e 32% superior ao registrado em março de 2025. No mês de fevereiro o preço foi de R\$0,72 e há exatamente um ano atrás era de R\$1,23. Os preços em valores deflacionados para sacas de 20 quilos seguem na figura a seguir. Nessa figura, as descontinuidades na linha indicam os meses em que não houve comercialização pelo produtor.

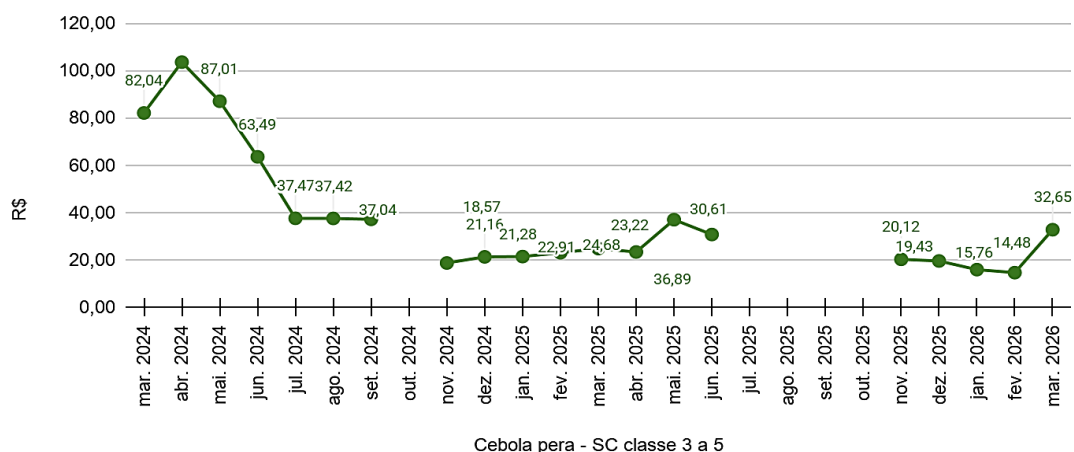


Figura 1. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (mar./2024 a mar./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026.

Como era previsto, com o término da comercialização das cebolas produzidas nas unidades da Federação vizinhas, o preço reagiu expressivamente em março e os registros de bons preços seguem no início de abril. A cebola catarinense passou a ser fortemente demandada para atender ao mercado interno. No entanto, as cebolas armazenadas apresentam perda de qualidade, em razão de os dias terem se mantido com temperaturas elevadas, o que favorece o desenvolvimento do fungo relacionado com o mofo preto (*aspergillus niger*).

Na figura que vem na sequência, consta o preço da cebola no atacado. Como foi registrado para o produtor, o preço no mercado atacadista também apresentou elevação. Em março, o preço médio da cebola no mercado atacadista foi de R\$2,52 o quilo, o que representa um aumento de 48% em relação a fevereiro, quando a cebola foi cotada a R\$1,70. Já com relação ao mesmo mês do ano passado há uma diminuição de 2,9%, já que naquele mês a cebola estava cotada a R\$2,59.

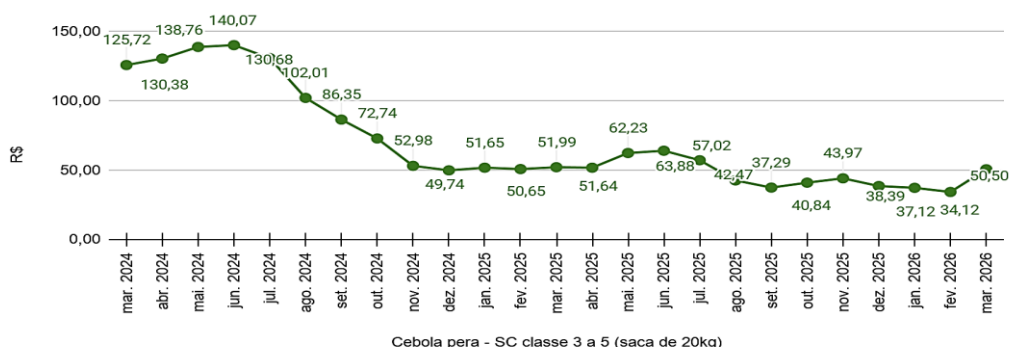


Figura 2. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (mar./2024 a mar./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

No comparativo entre o preço ao produtor e ao mercado atacadista percebe-se que houve uma variação maior no preço pago ao produtor. Esse é um ponto positivo, dado que os produtores possuem um Custo Operacional Total de R\$43.899,17, por hectare, aferindo um custo médio por quilo de R\$1,33, quando se considera a produtividade média alcançada na safra. Desta forma, percebe-se que, mesmo com a recuperação registrada no mês de março e com a recuperação esperada para o mês de abril, uma parte expressiva da safra foi comercializada abaixo do custo de produção.

Safra catarinense

Os números da safra 2025/2026 demonstram que houve uma produção recorde. Foram colhidas mais de 630 mil toneladas de cebola. De uma série histórica que iniciou em 2012, esta é a safra mais volumosa. A segunda maior produção é a de 2016, quando foram colhidas 593,7 mil toneladas. A produtividade de quase 33 toneladas por hectare é, igualmente, a mais alta da série histórica que iniciou em 2012. O segundo maior rendimento é o de 2022, com 31,3 toneladas por hectare. Os números para a produção, produtividade, área e respectivas variações por microrregiões estão expostas na Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	3	20.000	60	0,01	0	0	0
Campos de Lages	1.178	25.907	30.519	1.215	31.081	37.764	5,99	3,14	19,97	23,74
Canoinhas	160	40.000	6.400	170	43.235	7.350	1,17	6,25	8,09	14,84
Curitibanos	230	41.130	9.460	312	45.833	14.300	2,27	35,65	11,43	51,16
Ituporanga	9.123	27.622	252.000	8.723	34.211	298.422	47,37	-4,38	23,85	18,42
Joaçaba	1.787	39.456	70.508	1.797	40.857	73.420	11,65	0,56	3,55	4,13
Rio do Sul	1.757	25.135	44.163	1.757	32.461	57.034	9,05	0	29,14	29,14
Tabuleiro	3.805	29.841	113.545	3.861	27.149	104.823	16,64	1,47	-9,02	-7,68
Tijucas	1.252	23.825	29.829	1.282	28.748	36.855	5,85	2,4	20,66	23,55
Santa Catarina	19.295	28.841	556.484	19.120	32.951	630.028	100,00	-0,91	14,25	13,22

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026



Mesmo com redução de área, a produção e a produtividade são 73,5 mil toneladas e 4.110 quilos por hectare superiores à safra anterior, respectivamente. Esse rendimento é resultado do clima propício no momento de bulbificação, com noites de temperaturas mais amenas e dias ensolarados, semelhante ao registrado na região de origem da cebola que abrange os países do Egito, Irã e Afeganistão.

A microrregião de Ituporanga é a maior produtora, com mais de 298 mil toneladas, que representa 47% do total produzido. Nessa micro, o destaque é o município de Ituporanga, responsável por produzir 168 mil toneladas ou quase 27% do total produzido no estado. O município com a segunda maior produção é Alfredo Wagner que produziu mais do que 98 mil toneladas ou quase 16% do total produzido. Esse município é responsável pela quase integralidade da produção da micro de Tabuleiro, que somou mais do que 104 mil toneladas, em torno de 17% da produção total. Na sequência tem destaque Imbuia, com produção de 70 mil toneladas (11%) e Aurora 52,8 mil toneladas (8%). Somados, esses quatro municípios produziram o equivalente a 388 mil toneladas ou 62% da produção de cebola de Santa Catarina.

Importações

As importações de cebola aumentaram expressivamente no mês de março. O aumento foi de 5.500% em relação à fevereiro. Já com relação ao mesmo mês do ano passado foi de 22%. O aumento no volume importado de cebola no mês de março foi registrado também para 2025 e 2024. No entanto, o salto no volume importado é mais significativo para 2026. O aumento no volume importado de fevereiro para março foi de 113% e 638% em 2024 e 2025, respectivamente. Na Tabela 2, a seguir, visualizam-se os volumes incorporados pelo Brasil em toneladas.

Tabela 2. Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan. de 2024 a mar. de 2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	23.355	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23.958

Fonte: Comex Stat/MDCS, abril/2026 (toneladas)

A partir de março o mercado nacional é abastecido, sobremaneira, unicamente pela cebola de Santa Catarina. O salto foi expressivo porque o preço da cebola estava muito baixo em fevereiro. Com a retomada nos preços desse produto registrada em março, o mercado brasileiro se tornou mais atrativo para os exportadores. O custo desta importação foi de US\$5.408 mil, conforme Tabela 3. Assim como se registrou para o volume importado, em termos de recursos despendidos o aumento também foi expressivo, com expansão de 4.558%. Já com relação ao mês de 2025 a escalada foi de menor expressividade, contabilizando um aumento de 33%.

Tabela 3. Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a mar./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116	5.408	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.664

Fonte: Comex Stat/MDIC, abril/2026 (valores nominais em mil dólares americanos)



Em março o preço médio praticado com a aquisição de cebolas foi de US\$0,23 o quilo. Já os preços de fevereiro foram de US\$0,28 e em março de 2025 foram de US\$0,21. Os principais países exportadores foram a Argentina e Chile. A maior parte da cebola importada veio da Argentina, 73%, cujo custo esteve abaixo das cebolas do Chile. As cebolas argentinas integraram o mercado nacional a um custo de US\$0,19 e as cebolas chilenas a um custo de US\$0,35. Aponta-se que a Argentina registrou fortes chuvas no final de março e início de abril que afetaram as cebolas que estavam armazenadas nos canteiros, havendo possibilidade de a oferta advinda desse país reduzir nas próximas semanas.



Pecuária

Avicultura	45
Bovinocultura.....	51
Suinocultura.....	56
Leite	63



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de abril, os preços do frango vivo tiveram altas nos dois principais estados produtores, na comparação com o valor registrado no mês anterior: 0,7% no Paraná e 0,3% em Santa Catarina. Quando comparados os preços do mês corrente com os de abril de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se situações distintas nos dois estados: queda de 7,3% no Paraná e alta de 2,9% em Santa Catarina.

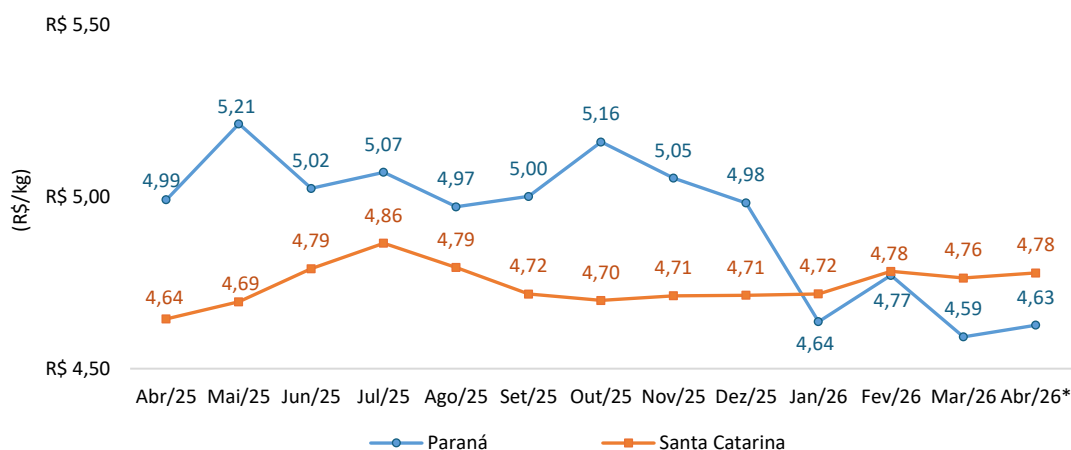


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores⁽¹⁾ (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

Os preços pagos aos avicultores catarinenses na primeira quinzena de abril apresentaram comportamento distinto entre as principais regiões produtoras do estado: no Litoral Sul, registrou-se alta de 1,2%; no Oeste, queda de 0,3%; e, no Meio Oeste, o preço manteve-se inalterado. Quando comparados os preços atuais com os de abril de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, também se observaram diferenças entre as três regiões: altas de 8,9% no Meio Oeste e 1,3% no Litoral Sul, enquanto o Oeste registrou queda de 1,7%.

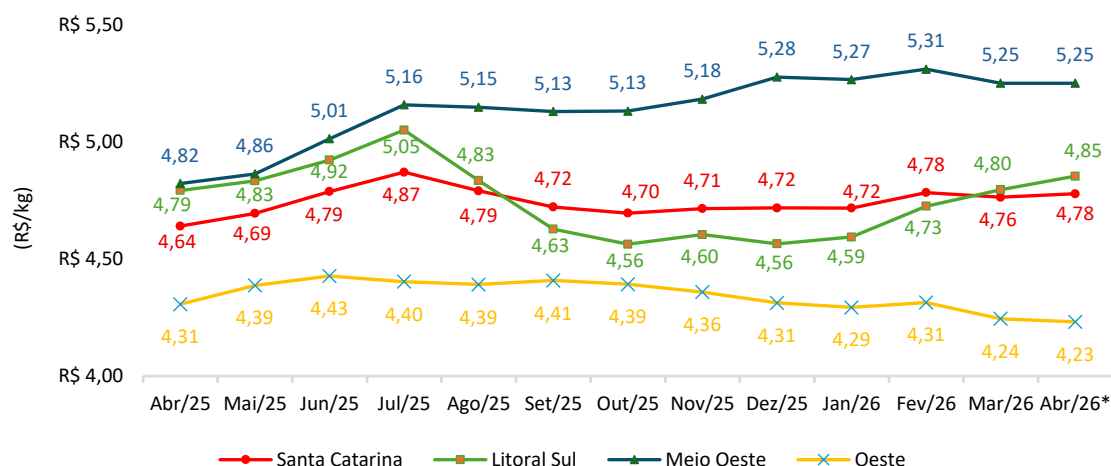


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Já no mercado atacadista, depois de quatro meses consecutivos de predomínio de quedas, na primeira quinzena de abril todos os cortes cujos preços são levantados pela Epagri/Cepa apresentaram variação positiva em relação ao mês anterior: frango inteiro (3,1%); filé de peito (1,3%); coxa/sobrecoxa (1,0%); e peito com osso (0,4%). A variação média dos quatro cortes foi de 1,5%. Apesar do resultado parcial de abril, no ano a carne de frango acumula queda de 3,3%.

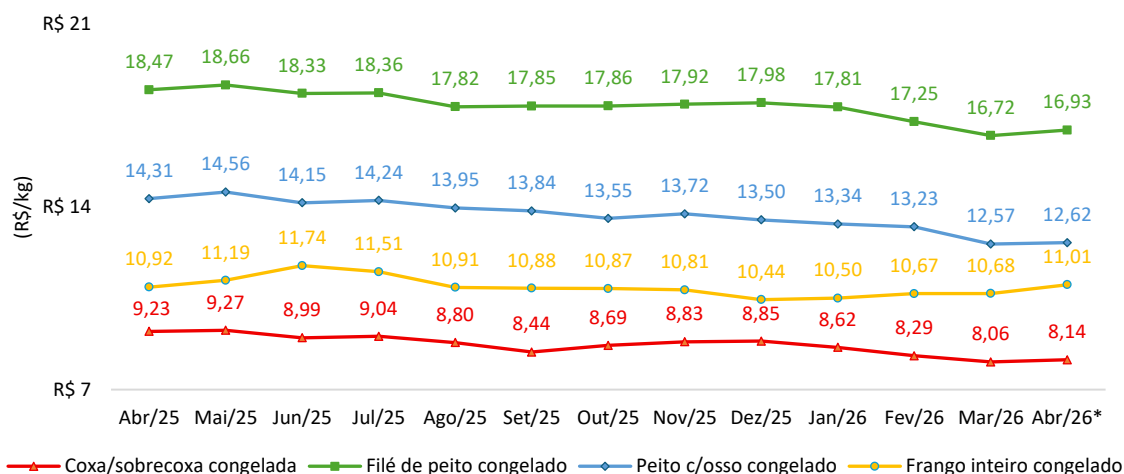


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Quando se comparam os valores deste mês com os de abril de 2025 – considerados os valores corrigidos pela inflação do período (IGP-DI) –, a maioria dos cortes apresentou variação negativa: peito com osso (-11,8%); coxa/sobrecoxa (-11,8%); e filé de peito (-8,3%). Só o frango inteiro



apresentou variação positiva e, ainda assim, pouco expressiva (0,8%). A variação média dos quatro cortes foi de -7,8%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em março, o custo de produção de frangos em aviário climatizado com pressão positiva em Santa Catarina foi de R\$4,87/kg de peso vivo, o que representa uma queda de 0,8% em relação ao mês anterior. No ano, acumula-se queda de 3,8% no custo de produção. Em relação ao custo de março de 2025 (corrigido pelo IGP-DI), o valor atual está 1,9% acima. Embora houvesse a perspectiva de elevação nos custos de produção em decorrência do conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã, isso ainda não foi captado pelo cálculo realizado pela Embrapa. Mas não se descarta a possibilidade de que os impactos sejam efetivamente percebidos a partir deste mês.

A relação de troca insumo-produto manteve-se estável nas primeiras semanas de abril em relação ao mês anterior. Esse resultado se deve às altas de 0,3% tanto no preço médio estadual⁵ do milho (atacado), quanto no preço do frango vivo. Na comparação entre abril de 2026 e o mesmo mês de 2025, registra-se queda de 12,1%. Isso significa que atualmente os produtores precisam de 2,0kg a menos de frango vivo para comprar uma saca de milho.

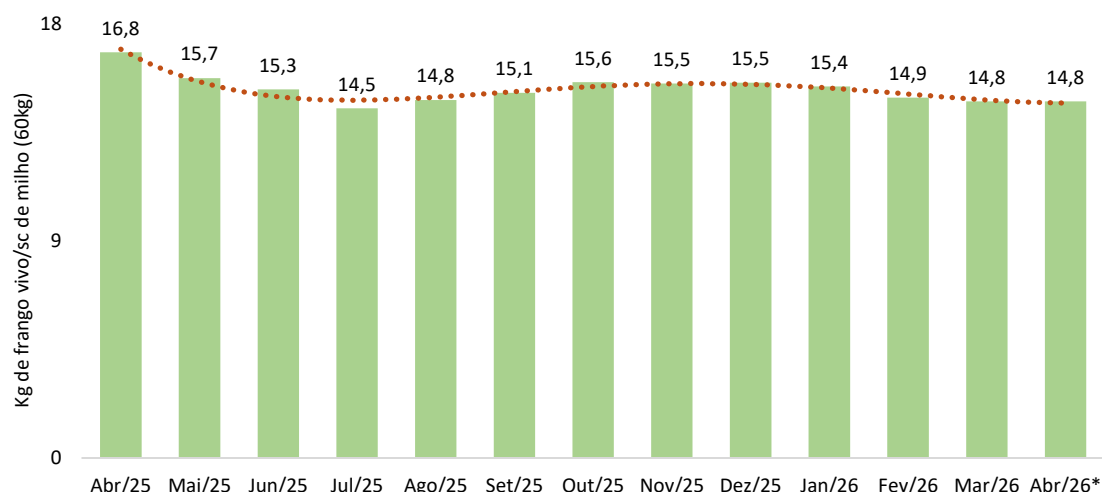


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

⁵ A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado), ao invés da praça de referência Oeste.



Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou 490,4 mil toneladas de carne de frango, o que representou altas de 1,7% em relação a fevereiro e de 6,3% na comparação com março de 2025. As receitas totalizaram US\$926,3 milhões, recuo de 0,4% frente ao mês anterior, mas crescimento de 6,7% em relação a março de 2025.

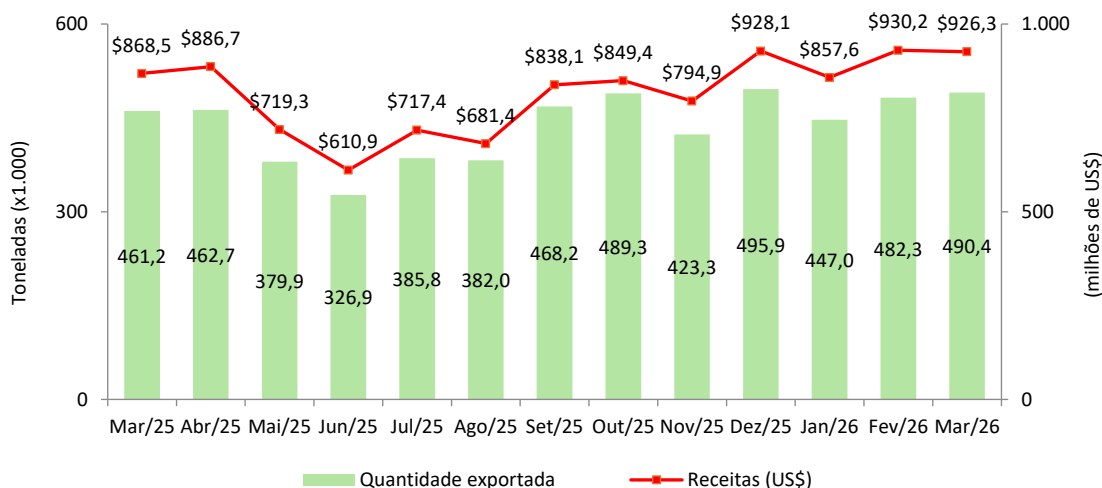


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

No 1º trimestre, o Brasil exportou 1,42 milhão de toneladas, com receitas de US\$2,71 bilhões, altas de 5,4% e 7,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Os resultados anteriores representam o melhor desempenho da série histórica para o 1º trimestre do ano, tanto em quantidade quanto em valor.

Os principais destinos da carne de frango brasileira nos três primeiros meses deste ano foram: China (13,0% das receitas do período), Japão (9,9%), Arábia Saudita (9,2%) e Emirados Árabes Unidos (8,0%).

Em março, Santa Catarina exportou **109,0 mil toneladas** de carne de frango. O volume representa uma alta de 4,2% em relação a fevereiro e de 2,7% na comparação com março de 2025. Já a receita com os embarques totalizou **US\$222,8 milhões**, com crescimentos de 3,5% frente a fevereiro e de 1,5% ante o mesmo mês do ano anterior.

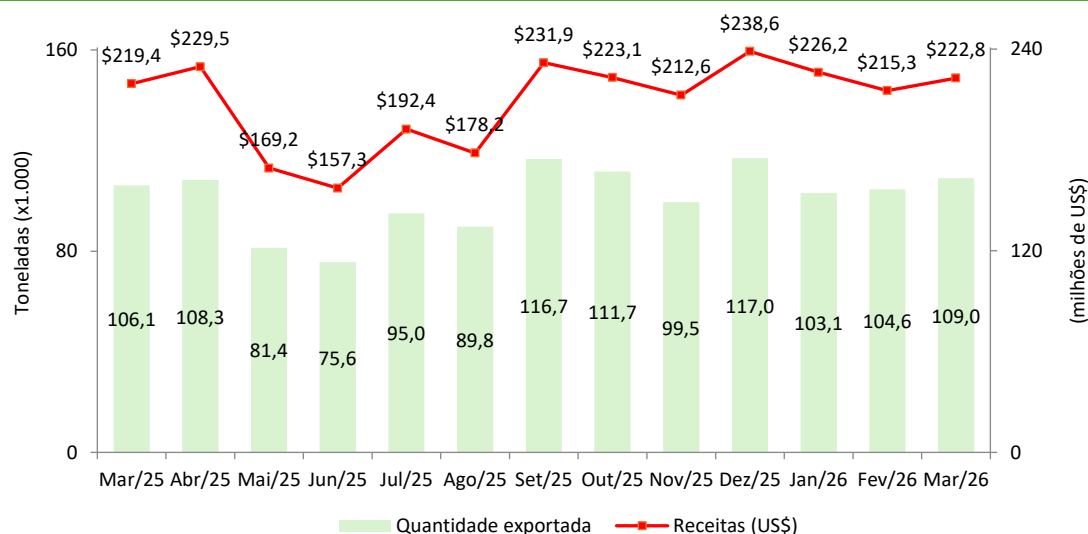


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em março foi de US\$1.997,22 por tonelada – queda de 3,0% ante fevereiro e de 3,8% na comparação com março de 2025.

No acumulado do 1º trimestre, o estado exportou **316,7 mil toneladas**, gerando **US\$664,3 milhões** em receitas. Esses valores representam aumentos de 3,2% e 7,7%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o **melhor desempenho da série histórica** (iniciada em 1997) em termos de receitas, além do segundo melhor volume já registrado para os três primeiros meses do ano.

Apesar do desempenho geral positivo, os embarques para o Oriente Médio caíram 22,0% em quantidade e 23,8% em receita na comparação com fevereiro. Essa retração é reflexo do conflito envolvendo Estados Unidos e Israel, de um lado, e Irã, de outro. A instabilidade na região tem provocado atrasos nas entregas, aumento da complexidade logística e elevação dos custos. O crescimento das exportações para outros destinos importantes, como Japão, China e Chile, compensou a queda nos embarques para o Oriente Médio. Apesar do cessar-fogo declarado no início de abril, o clima de tensão ainda não se dissipou e as incertezas seguem dominando o cenário.

Os principais destinos da carne de frango catarinense nos três primeiros meses do ano foram Países Baixos (12,8% das receitas totais), Japão (10,5%), China (10,0%) e Arábia Saudita (9,5%). Merece menção o crescimento nos embarques para a Coreia do Sul – que atualmente ocupa a 6ª posição no ranking –, com ampliação de 21,3% em volume e 52,0% em receitas, na comparação com o mesmo período de 2025.

A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango no 1º trimestre deste ano.



Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º trimestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos	85.058.947,00	12,8	23.276	7,3
Japão	69.824.887,00	10,5	29.335	9,3
China	66.233.863,00	10,0	28.885	9,1
Arábia Saudita	63.074.168,00	9,5	29.269	9,2
Emirados Árabes Unidos	41.958.611,00	6,3	20.289	6,4
Demais países	338.152.633,00	50,9	185.673	58,6
Total	664.303.109,00	100	316.727	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina foi responsável por 24,5% da receita e 22,3% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil no 1º trimestre deste ano.

Produção

Segundo os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, Santa Catarina produziu 79,9 milhões de frangos em março⁶ – uma queda de 4,5% em relação a março de 2025. No acumulado do 1º trimestre, a produção do estado atingiu 232,2 milhões de cabeças⁷ – crescimento de 2,5% em relação ao mesmo período do ano anterior.

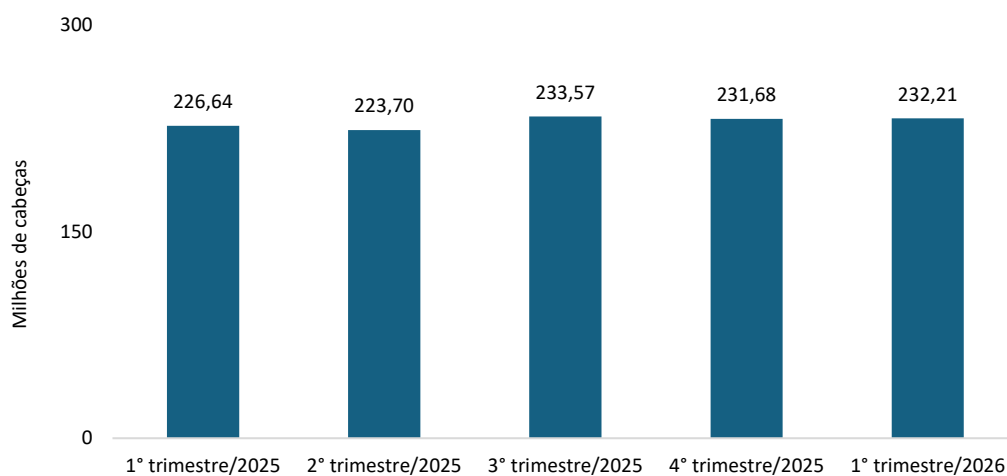


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção trimestral

Fonte: Cidasc

⁶ Os dados referentes a março são preliminares, passíveis de atualização na próxima edição do Boletim Agropecuário.

⁷ Desse volume total, 96,5% dos frangos foram abatidos em território catarinense, enquanto o restante foi abatido em outros estados.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de abril, os preços do boi gordo subiram em todos os principais estados produtores, movimento que perdura desde fevereiro. Na comparação com os valores registrados em março, observaram-se as seguintes variações: 5,3% no Mato Grosso; 4,6% em Minas Gerais; 4,2% no Mato Grosso do Sul; 4,2% em Goiás; 3,5% em São Paulo; 1,8% em Santa Catarina; 1,3% no Paraná e 0,3% no Rio Grande do Sul. Vale destacar que, quando do fechamento desta edição do Boletim, ainda se observava tendência de alta nos preços diários, o que significa que o mês deve ser encerrado com índices de variação ainda mais expressivos.

Quando se comparam os preços da primeira quinzena de abril deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se que todos os estados analisados registraram altas expressivas no período: 15,0% em Minas Gerais; 13,8% em São Paulo; 13,1% no Mato Grosso; 12,4% em Mato Grosso do Sul; 12,2% em Goiás; 12,2% em Santa Catarina; 12,0% no Paraná e 6,9% no Rio Grande do Sul.

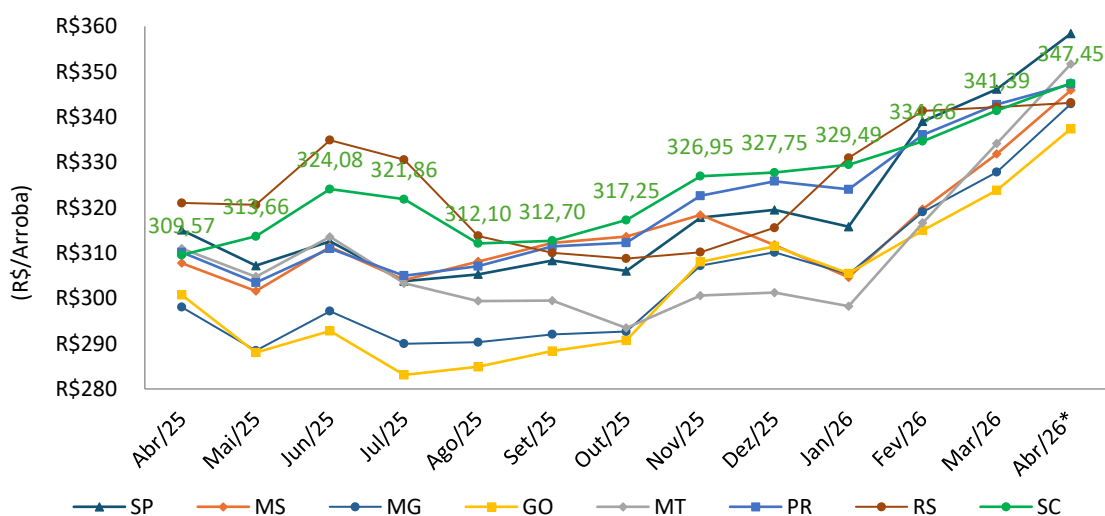


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Das dez regiões agro de Santa Catarina, em nove se registrou variação positiva no preço do boi gordo na comparação entre os valores recebidos pelos produtores nas primeiras semanas de abril e os do mês anterior, com destaque para o Meio Oeste, onde a alta foi de 5,6%, e o Litoral Norte, com variação de 3,5%. A única região que apresentou variação negativa foi a Grande Florianópolis, com oscilação de -0,3%.



Quando se comparam os valores de abril com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todas as dez regiões apresentam variações positivas, com destaque para o Planalto Sul e o Alto Vale do Rio do Peixe, onde as altas foram de 19,5% e 11,1%, respectivamente.

No atacado, todos os cortes apresentaram variações positivas na primeira quinzena de abril frente ao mês anterior, movimento que vem sendo observado desde outubro do ano passado. A carne de dianteiro subiu 1,8% e a carne de traseiro apresentou alta de 3,3%. A variação média do período foi de 2,5%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 7,2%.

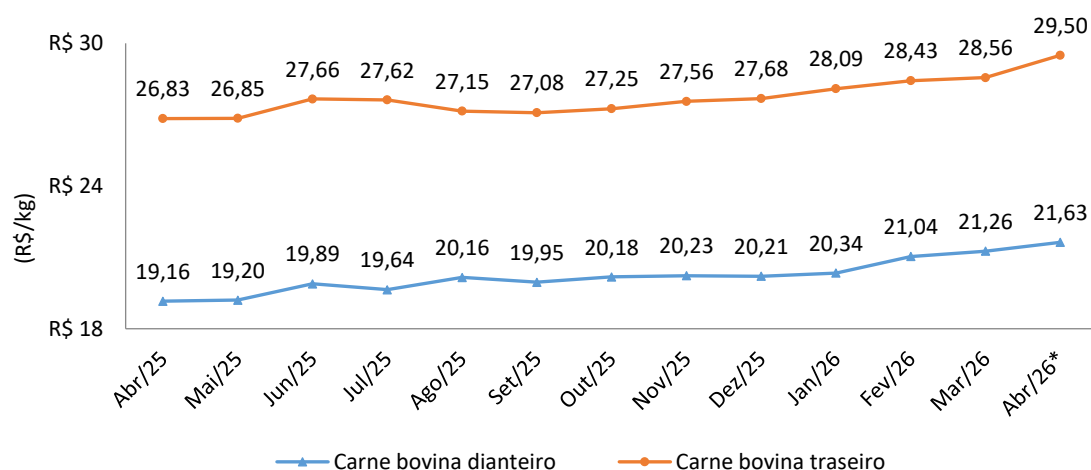


Figura 2. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Ao comparar os preços da primeira quinzena deste mês com as médias de abril de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, observam-se variações positivas expressivas em todos os casos: aumento real de 12,9% para a carne de dianteiro e de 9,9% para a carne de traseiro, com média de 11,4%.

Custos

Os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram altas na primeira quinzena de abril, em relação à média do mês anterior. O preço dos bezerros de corte com até 1 ano subiu 1,4%, enquanto o dos novilhos de corte de 1 a 2 anos apresentou alta de 2,1%.

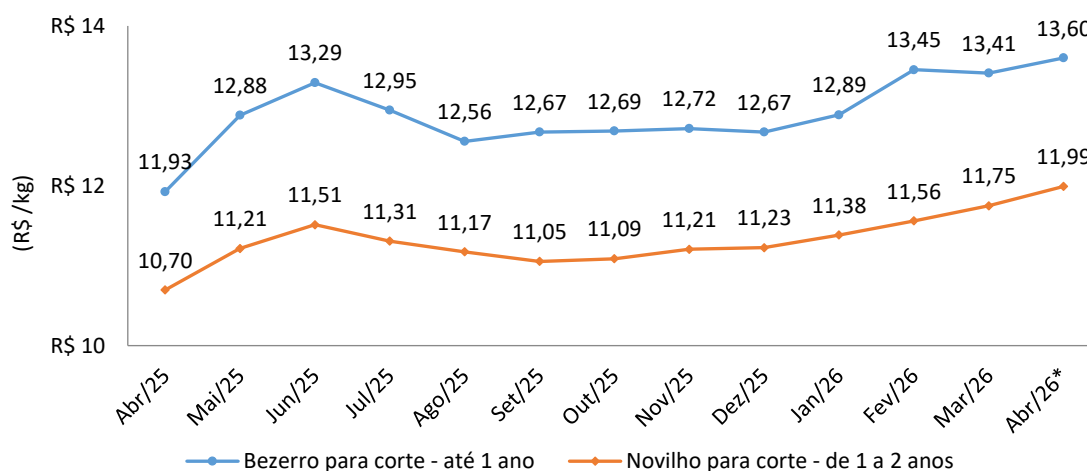


Figura 3. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Na comparação entre os preços do mês atual com os de abril de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas consistentes nos dois casos: 14,0% para os bezerros com até 1 ano e 12,1% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **265,6 mil toneladas** de carne bovina, volume 1,4% superior ao de fevereiro e 8,1% maior do que o de março de 2025. As receitas atingiram o montante de **US\$1,47 bilhão**, crescimento de 2,8% frente ao mês anterior e de 25,7% em relação ao mesmo mês de 2025.

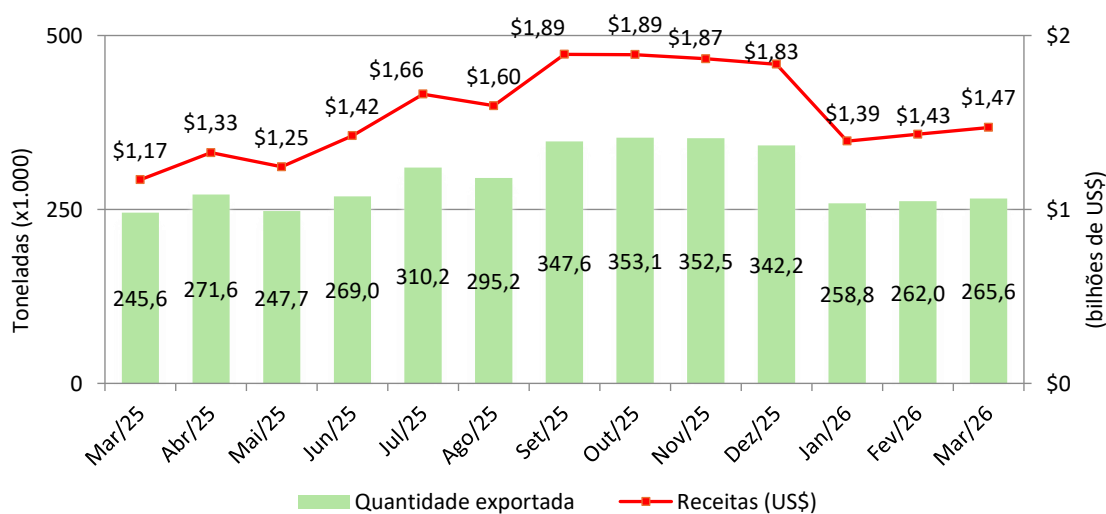


Figura 4. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat



O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$5.814,81** por tonelada – alta de 3,1% ante fevereiro e de 18,7% em relação a março de 2025.

No acumulado do 1º trimestre, o Brasil exportou **786,4 mil toneladas**, com receitas de **US\$4,30 bilhões**, altas de 17,6% e 34,1%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses são os melhores resultados para o 1º trimestre do ano desde o início da série histórica, em 1997.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada nos três primeiros meses do ano foi a China, responsável por 42,3% das receitas geradas por esse produto. Os Estados Unidos, segundo principal destino, responderam por 15,9% das receitas deste ano. Apesar desses bons resultados, é importante destacar que os embarques para o Oriente Médio registraram queda de 20,1% em volume e 15,8% em receitas, em relação ao mês anterior. Esse recuo é decorrente do conflito bélico envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã, que resultou em dificuldades logísticas para as empresas de transporte e provocou elevação nos custos. O Oriente Médio foi o destino de 223,9 mil toneladas de carne bovina brasileira em 2025, o que corresponde a 6,5% do total de embarques.

Santa Catarina exportou 610,7 toneladas de carne bovina em março, com faturamento de US\$2,82 milhões, o que representou um crescimento impressionante de 428,5% em volume e de 522,9% em valor, na comparação com março de 2025.

No acumulado do 1º trimestre, o estado já exportou 1,38 mil toneladas, com receitas de US\$6,30 milhões, altas de 187,8% e 220,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

Produção

Segundo os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em março⁸ foram produzidas e destinadas ao abate 62,8 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, montante **5,7% superior** ao registrado no mesmo mês de 2025.

A Figura 5 evidencia uma desaceleração no ritmo de abates, quando se considera os montantes trimestrais, embora o número de animais abatidos nos três primeiros meses deste ano seja superior ao mesmo período do ano passado. No 1º trimestre, foram abatidos **177,9 mil cabeças**, alta de 2,8% em relação ao mesmo período de 2025. A participação de fêmeas no total dos abates se mantém elevada: 54,2% do total do período, o que demonstra que o processo de redução do rebanho segue em curso, embora tenha desacelerado levemente em relação à média do ano anterior, que atingiu 55,5%.

⁸ Os dados referentes a março de 2026 são preliminares, passíveis de atualização ao longo do corrente mês.

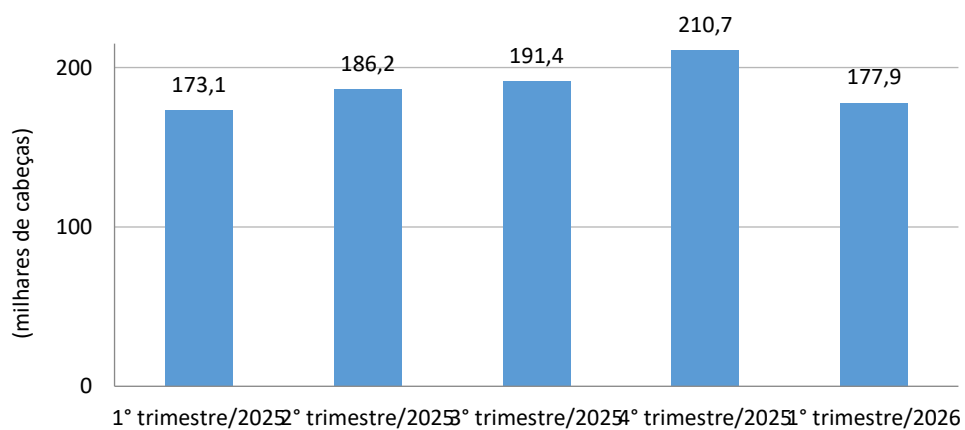


Figura 5. Bovinos – Santa Catarina: produção trimestral (abates inspecionados)

Fonte: Cidasc



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de abril, teve continuidade o movimento de queda que já havia sido registrado nos primeiros meses do ano nos principais estados produtores, como demonstra a Figura 1. No ano, acumulam-se quedas bastante expressivas em todos esses estados, variando de -15,2%, em Santa Catarina, a -33,4%, no Paraná. Em grande medida, esse cenário decorre da elevada oferta de animais para abate, em especial no período da quaresma, quando o consumo diminui significativamente. Além do

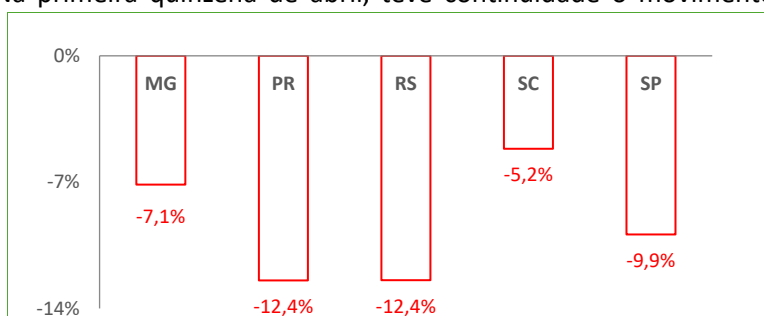


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (mar.-abr./2026^(*))

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

de queda que já havia sido registrado nos primeiros meses do ano nos principais estados produtores, como demonstra a Figura 1. No ano, acumulam-se quedas bastante expressivas em todos esses estados, variando de -15,2%, em Santa Catarina, a -33,4%, no Paraná. Em grande medida, esse cenário decorre da elevada oferta de animais para abate, em especial no período da quaresma, quando o consumo diminui significativamente. Além do

fator sazonal, o desempenho do mercado também foi impactado por incertezas no cenário externo. Segundo relatório publicado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), especulações relacionadas ao contexto geopolítico global, aliadas às oscilações do dólar e à forte valorização do petróleo, geraram instabilidade e afastaram parte dos agentes das negociações, o que contribuiu para o cenário de quedas.

Quando se comparam os valores preliminares de abril deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas acentuadas em todos os cinco estados analisados: -26,7% no Paraná; -25,4% no Rio Grande do Sul; -24,6% em São Paulo; -23,7% em Minas Gerais; e -12,4% em Santa Catarina.

Analisando de forma mais detalhada o caso de Santa Catarina, verifica-se que tanto os preços pagos aos produtores independentes quanto aos integrados apresentaram quedas na primeira quinzena de abril em relação ao mês anterior: -6,1% e -4,2%, respectivamente. Em relação aos valores do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI, também se registram quedas em ambos os casos: -19,4% para os produtores independentes e -4,3% para os integrados.

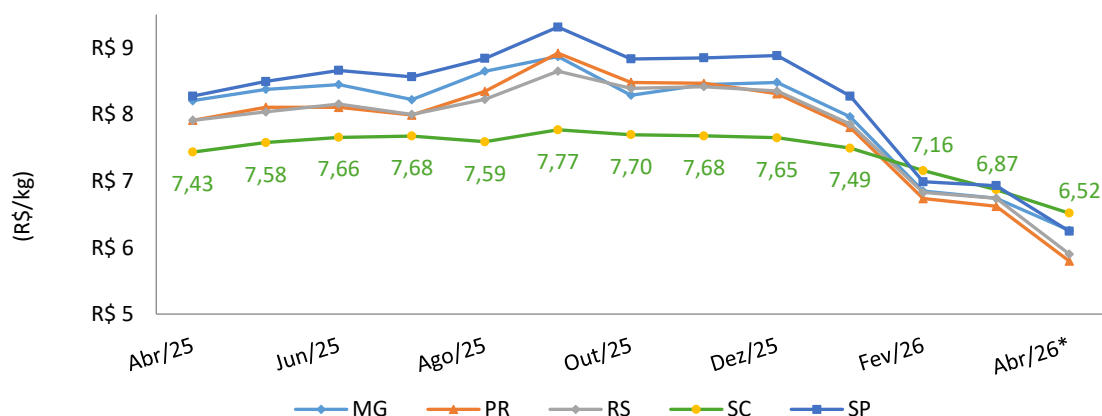


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

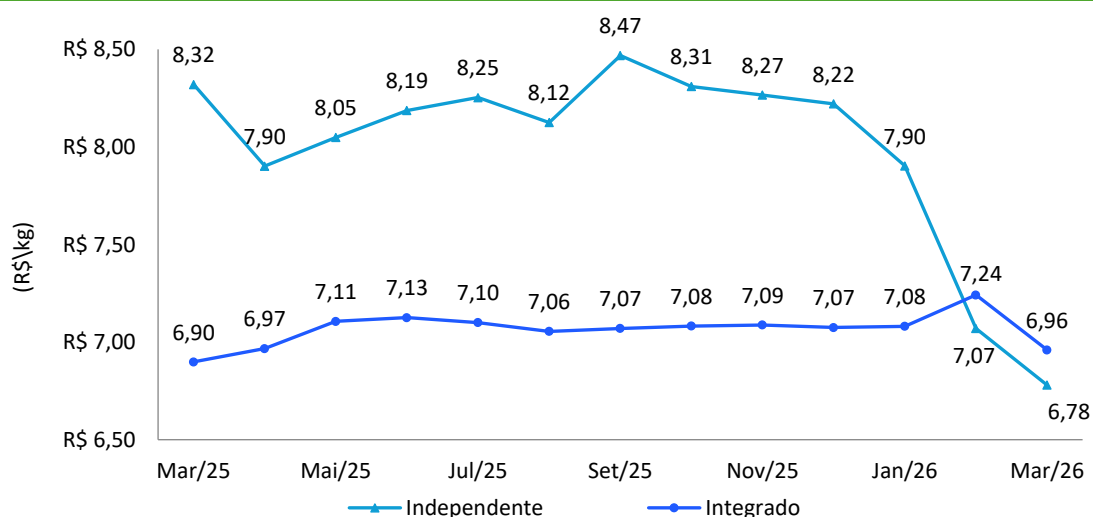


Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Apesar das fortes quedas nos preços ao produtor, no mercado atacadista mais uma vez se observou predomínio de variações positivas, assim como no mês anterior. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quatro apresentaram variação positiva na primeira quinzena de abril em relação a março: carrê (1,3%); lombo (1,2%); carcaça (0,7%) e costela (0,6%). Somente o pernil registrou queda de 1,0%. Na média dos cinco cortes, a variação foi de 0,5%.

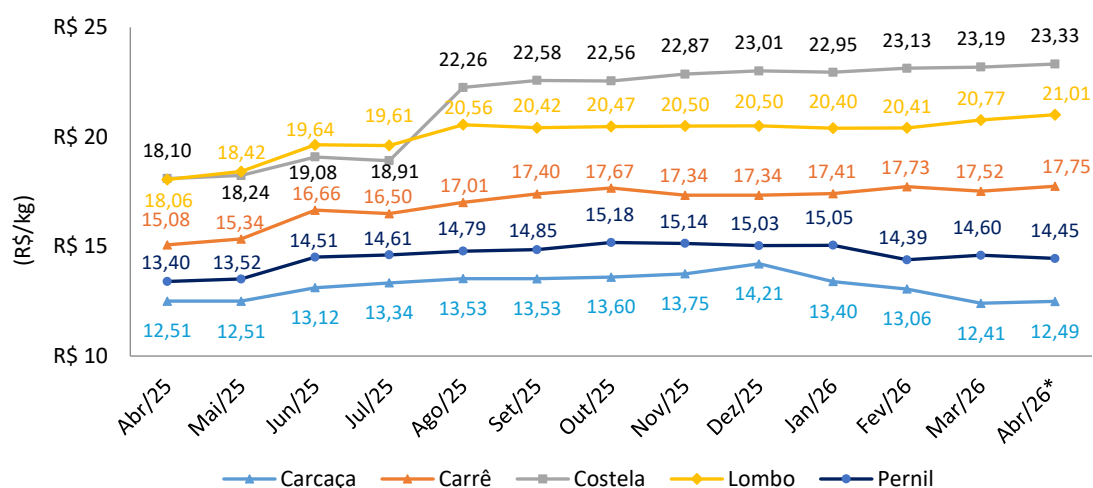


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Ao comparar os preços preliminares de abril deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se um predomínio de variações positivas: costela (28,9%); carrê (17,7%); lombo (16,4%) e pernil (7,8%). Somente a carcaça apresentou leve retração no período (-0,1%). A elevação média real dos cinco cortes foi de 14,1%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,30 por kg de peso vivo em março, recuo de 0,9% em relação ao valor do mês anterior. O valor atual está 0,3% abaixo do custo calculado para março de 2025 (corrigido pelo IGP-DI).

Os preços dos leitões em Santa Catarina apresentaram quedas na primeira quinzena de abril em relação às médias do mês anterior: -2,6% para os leitões de 6kg a 10kg e -3,6% para os leitões de aproximadamente 22kg. Quando se comparam os valores deste mês com os de abril de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, também se observam variações nas duas categorias: -1,7% para os leitões de 6kg a 10kg e -3,5% para os leitões de aproximadamente 22kg.

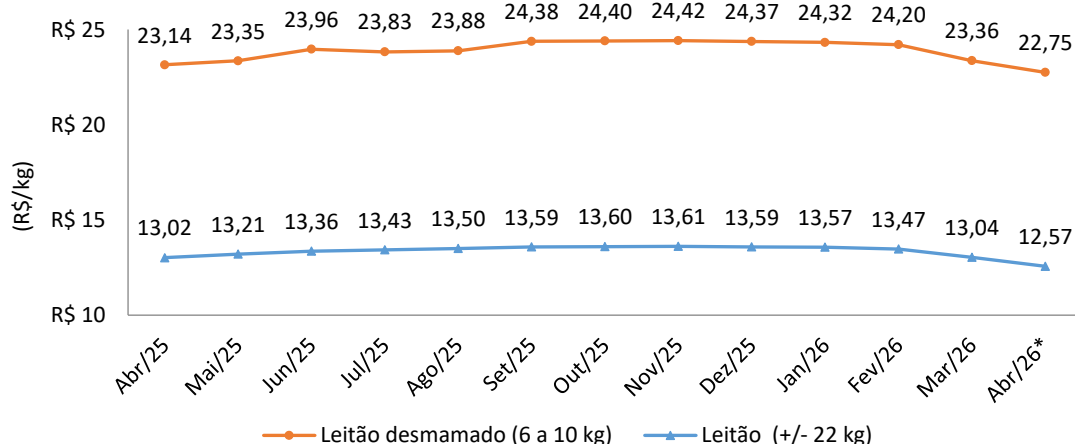


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Já a relação de troca insumo-produto apresentou alta de 5,8% na primeira quinzena de abril, cenário resultante, principalmente, da queda de 5,2% no preço médio estadual⁹ do suíno vivo, além da alta de 0,3% no preço do milho (no atacado). Quando se compara o valor atual com o mesmo mês de 2025, verifica-se uma alta de 3,3% no índice. Isso significa que atualmente os produtores precisam de aproximadamente 0,3kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho.

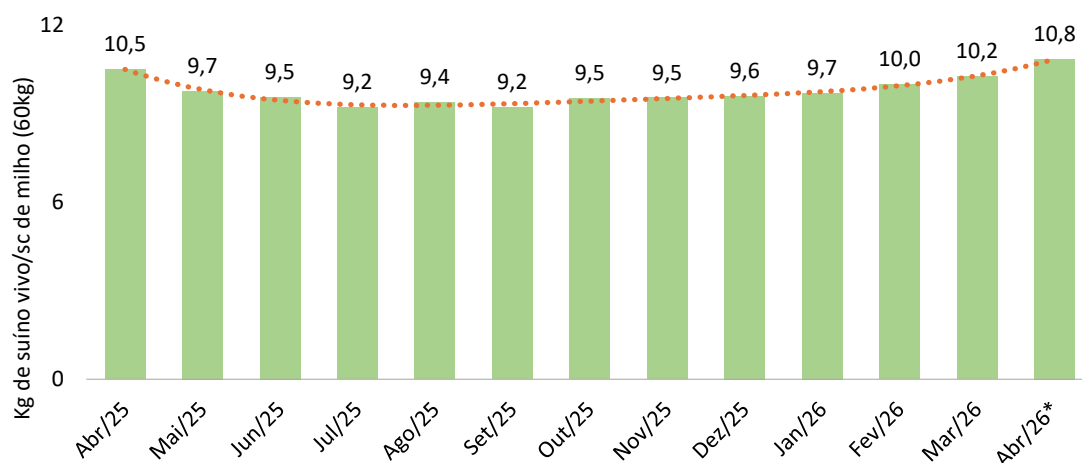


Figura 6. Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de abril de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

⁹ A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto será calculada levando em consideração os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).



Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou 149,8 mil toneladas de carne suína, volume que representou uma alta de 26,3% em relação a fevereiro e de 31,5% na comparação com março de 2025. As receitas atingiram US\$358,2 milhões, crescimento de 27,4% frente ao mês anterior e de 30,5% em relação a março do ano passado.

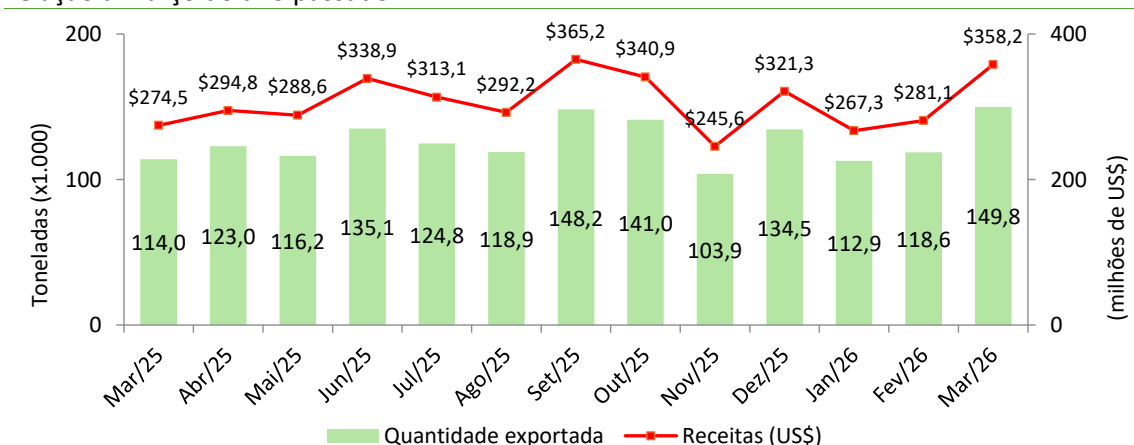


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado do 1º trimestre, o país exportou 381,4 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$906,6 milhões, valores que representam crescimentos de 17,3% e 16,8%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para os três primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras no 1º trimestre do ano foram as Filipinas, que concentraram 30,8% das receitas totais, seguidas por Japão (15,9%), China (7,9%) e Chile (7,0%).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **70,4 mil toneladas** de carne suína em março. O volume representa altas de 25,3% em relação a fevereiro e de 20,8% na comparação com o mesmo mês do ano passado. A receita com os embarques totalizou **US\$177,6 milhões**, com crescimentos de 28,3% frente a fevereiro e de 24,3% ante março de 2025.

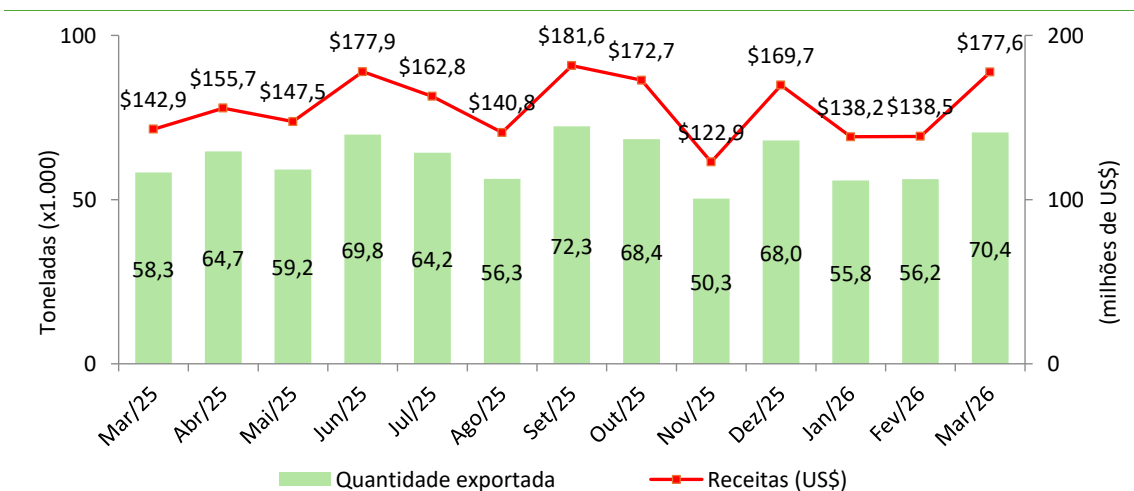


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat



O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em março ficou em **US\$2.614,30** por tonelada – alta de 2,0% ante fevereiro e de 2,8% na comparação com março do ano anterior.

No acumulado do 1º trimestre, o estado exportou **182,4 mil toneladas**, gerando **US\$454,3 milhões** em receitas. Esses valores representam aumentos de 4,0% e 7,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou **o melhor desempenho da série histórica** para esse período, tanto em volume quanto em receitas. O mês de março também se destacou, registrando os melhores resultados já obtidos para esse período, em ambas as métricas.

Os principais destinos da carne suína catarinense no primeiro trimestre foram o Japão (31,7% da receita total), as Filipinas (20,6%) e a China (14,3%). O Japão, além de liderar o *ranking*, apresentou crescimento expressivo na comparação com o mesmo período do ano anterior: aumento de 59,8% no volume e de 53,7% nas receitas. Esse desempenho está alinhado à forte demanda asiática pela proteína brasileira.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º trimestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	144.123.217,00	31,7	43.347	23,8
Filipinas	93.540.617,00	20,6	41.945	23,0
China	64.860.640,00	14,3	29.852	16,4
Chile	32.102.550,00	7,1	13.646	7,5
México	20.172.910,00	4,4	8.905	4,9
Demais países	99.524.519,00	21,9	44.748	24,5
Total	454.324.453,00	100	182.442	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por 47,8% do volume e 50,1% das receitas totais das exportações brasileiras de carne suína nos três primeiros meses do ano.

Produção

Segundo os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em março¹⁰ deste ano o estado de Santa Catarina produziu 1,55 milhão de suínos – montante 2,5% superior ao de março de 2025.

Considerando-se o acumulado no 1º trimestre, a produção deste ano soma 4,54 milhões¹¹, o que representa um crescimento de 0,9% em relação ao mesmo período do ano passado.

¹⁰ Os dados referentes a março são preliminares, passíveis de atualização no próximo Boletim Agropecuário.

¹¹ Desse total, 89,7% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a abatedouros localizados em outros estados.

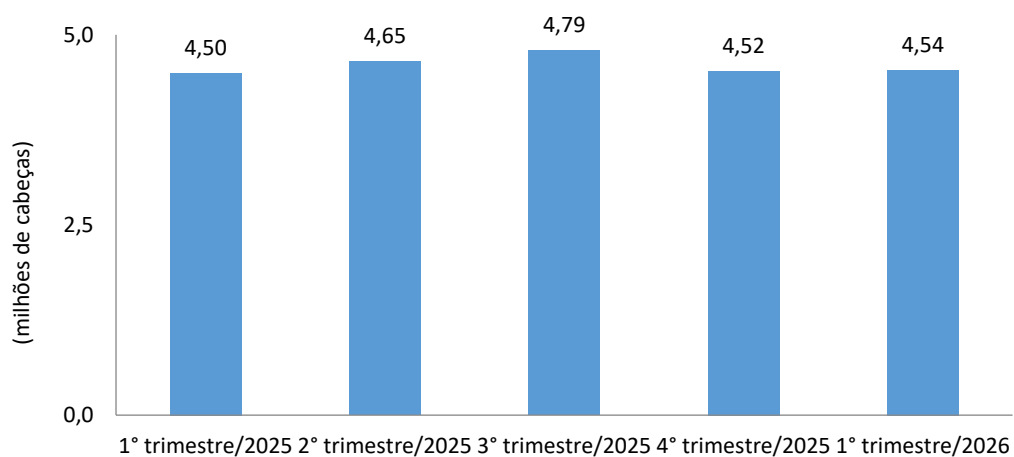


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção mensal

Fonte: Cidasc



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

andreassing@epagri.sc.gov.br

Captação de leite

No mês de março, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os dados da captação de leite pelas indústrias no Brasil referentes ao quarto trimestre de 2025, permitindo a consolidação do volume anual captado (Tabela 1). A estimativa preliminar de 7,4 bilhões de litros para o último trimestre foi confirmada, resultando em uma captação total de 27,51 bilhões de litros de leite em 2025. Esse volume representa um crescimento de 8,4% em relação a 2024, indicando recuperação significativa da oferta nacional de leite após o avanço mais moderado observado no ano anterior.

A análise da captação por estado evidencia a manutenção da forte concentração regional da produção. Minas Gerais permaneceu como o principal estado captador de leite, com 6,57 bilhões de litros em 2025, o equivalente a 24% do total nacional, seguido pelo Paraná, com 4,29 bilhões de litros (15%). Na sequência, o Rio Grande do Sul retomou a terceira posição no ranking nacional, com 3,52 bilhões de litros e crescimento de 13,5% em relação a 2024, superando Santa Catarina, que voltou à quarta posição com 3,5 bilhões de litros e aumento de 6,4% na captação (Tabela 1 e Figura 1).

Tabela 1. Captação de leite Brasil (bilhões de litros)

Estados	2023	2024	Variação (%) 2024/2023	2025	Variação (%) 2025/2024
Minas Gerais	5,88	6,32	7,5	6,57	4,0
Paraná	3,66	3,90	6,6	4,29	10,0
Rio Grande do Sul	3,16	3,10	-1,9	3,52	13,5
Santa Catarina	3,20	3,29	2,8	3,50	6,4
São Paulo	2,29	2,24	-2,2	2,54	13,4
Goiás	2,21	2,20	-0,5	2,40	9,1
Bahia	0,55	0,58	5,5	0,61	5,2
Sergipe	0,45	0,50	11,1	0,60	20,0
Rondônia	0,56	0,54	-3,6	0,56	3,7
Ceará	0,42	0,42	0,0	0,52	23,8
Outros	2,23	2,27	1,8	2,40	5,7
Brasil	24,61	25,37	3,1	27,51	8,4

Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite – IBGE (2026)

Apesar da perda da terceira colocação, Santa Catarina manteve participação próxima a 13% da captação nacional, evidenciando estabilidade relativa na estrutura produtiva. A figura 1 mostra que a participação dos principais estados se manteve relativamente estável entre 2023 e 2025, com pequenas alterações na distribuição regional. O principal movimento observado foi a retomada da participação do Rio Grande do Sul, que elevou sua fatia no total nacional e ultrapassou Santa Catarina, enquanto Minas Gerais e Paraná mantiveram posições consolidadas como principais polos produtores.



Outro aspecto relevante é o crescimento expressivo de estados fora do eixo Sul-Sudeste, especialmente Ceará (23,8%) e Sergipe (20%), indicando expansão da captação em regiões tradicionalmente menos representativas. Esse movimento sugere um processo gradual de desconcentração regional da produção, ainda que os cinco maiores estados continuem respondendo por aproximadamente 74% de toda a captação nacional em 2025.

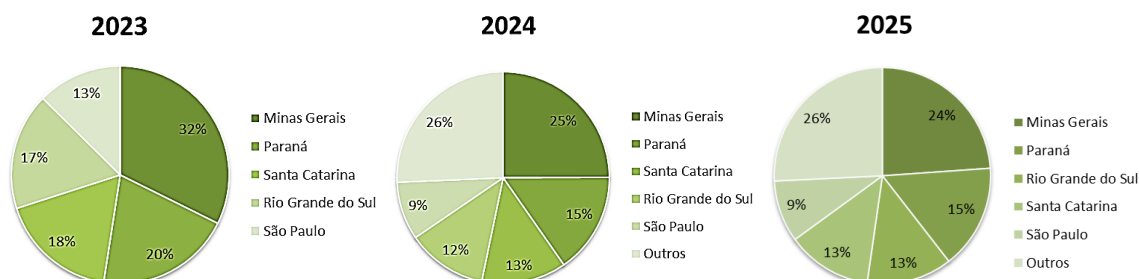


Figura 1. Participação dos cinco principais estados na captação de leite no Brasil

Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite – IBGE (2026)

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

Em março de 2026, o Brasil exportou 3,2 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 2), volume estável em relação ao registrado em fevereiro de 2026 (3,2 mil toneladas). Na comparação com março de 2025, quando as exportações somaram 3,3 mil toneladas, observa-se retração de 4%.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 7,8 milhões de dólares (valor FOB), representando queda de 4% em relação a fevereiro de 2026 (8,1 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita também apresentou redução de 12% frente a março de 2025, quando havia alcançado 8,9 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Entre os principais produtos lácteos exportados em março, destacaram-se o soro de leite, responsável por 30% do volume total embarcado, seguido pelo leite condensado (17%) e pela manteiga (16%).

Quanto aos destinos das exportações brasileiras, a China liderou as compras, com 15% do total exportado, seguida por Paraguai e Uruguai, com 11% e 10% de participação, respectivamente.

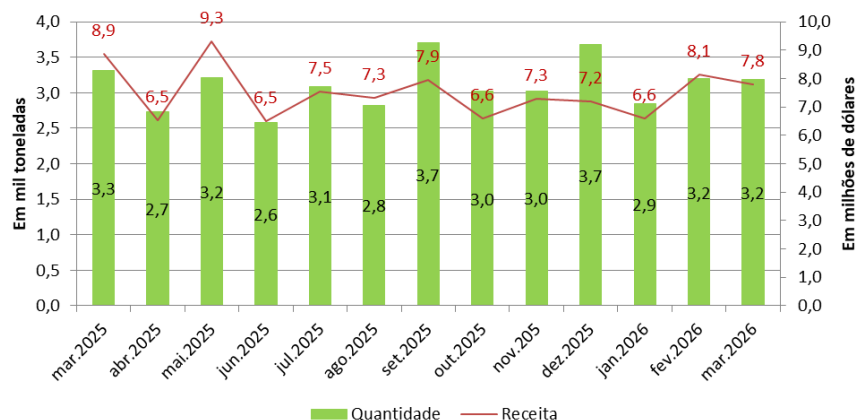


Figura 2. Leite – Brasil: evolução das exportações mensais – (mar./2025 a mar./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026



Em março de 2026, o Brasil importou 28,3 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 3). Esse volume foi 29,5% superior ao registrado em fevereiro de 2026 (21,8 mil toneladas) e também 29,9% maior que o observado em março de 2025, quando as importações somaram 21,8 toneladas.

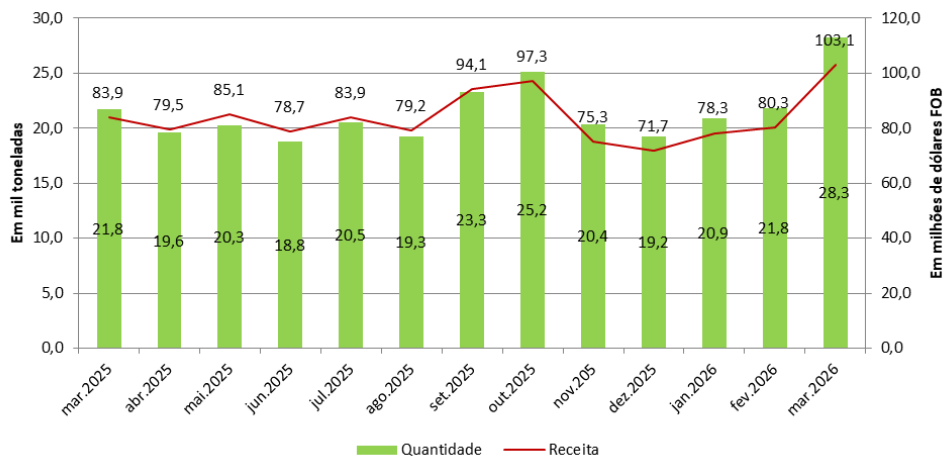


Figura 3. Leite – Brasil: evolução das importações mensais – (mar./2025 a mar./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026

Em termos de valor, as importações totalizaram 103,1 milhões de dólares (FOB), o que representa aumento de 28,4% em relação a fevereiro de 2026 (80,3 milhões de dólares) e elevação de 22,9% frente a março de 2025, quando haviam alcançado 83,9 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Em março, entre os principais produtos lácteos importados, destacaram-se o leite em pó, responsável por 75% do volume total, seguido pelos queijos (15%) e pelo soro de leite (5%).

Quanto à origem das importações, a Argentina liderou como principal fornecedor, com 67% do total, seguida por Uruguai (20%) e Paraguai (8%).

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em março de 2026, um déficit de 25,1 mil toneladas. Esse volume foi 32% maior em relação a fevereiro de 2026, quando o déficit havia sido de 19 mil toneladas. Na comparação com março de 2025, período em que o déficit alcançou 18,5 mil toneladas, observa-se um aumento de aproximadamente 36%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em março de 2026, o estado de Santa Catarina exportou 75,5 toneladas de produtos lácteos (Figura 4). Esse volume representa queda de aproximadamente 44% em relação a fevereiro de 2026 (135,8 toneladas), mas ainda configura expressivo crescimento de cerca de 780% na comparação com março de 2025, quando as exportações somaram 8,6 toneladas.

Em termos de receita, as exportações totalizaram aproximadamente 210 mil dólares (valor FOB), o que corresponde a uma retração de cerca de 54% frente a fevereiro de 2026 (460 mil dólares), mas representa aumento significativo de aproximadamente 950% em relação a março de 2025, quando a receita havia sido de cerca de 20 mil dólares.



Entre os principais produtos lácteos exportados em março, destacaram-se o leite em pó, responsável por 68% do volume total embarcado, seguido pelo leite fluido (19%) e pelo creme de leite (6%).

Quanto aos destinos das exportações, São Vicente e Granadinas lideraram as compras, com 66% do total exportado, seguido pelo Uruguai (19%) e pelo Paraguai (7%).

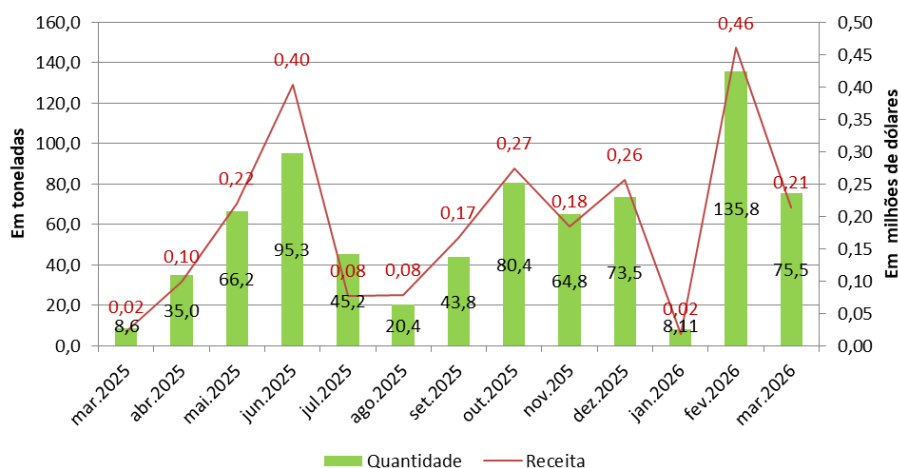


Figura 4. Leite – SC: evolução das exportações mensais – (mar./2025 a mar./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026

Em março de 2026, Santa Catarina importou 639 toneladas de produtos lácteos (Figura 5), volume 17,5% superior ao registrado em fevereiro de 2026 (544 toneladas) e 32,7% inferior ao observado em março de 2025 (950 toneladas).



Figura 5. Leite – SC: evolução das importações mensais – (mar./2025 a mar./2026)

Fonte: ComexStat/Mdic, mar.2026

Em termos de valor, as importações somaram 2,9 milhões de dólares (FOB), o que representa aumento de 16,0% em relação a fevereiro de 2026 (2,5 milhões de dólares) e recuo de 35,6% frente a março de 2025, quando haviam alcançado 4,5 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.



Em março, entre os principais produtos lácteos importados por Santa Catarina, destacaram-se os queijos, responsável por 69% do volume total, seguido pelo leite em pó (16%) e pelos demais produtos lácteos (9%).

Quanto à origem das importações, a Argentina foi o principal fornecedor, com 79% do total importado, seguida pelo Uruguai (12%) e Estados Unidos (9%).

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em março de 2026, um déficit de aproximadamente 563 toneladas, resultado de importações de 639 toneladas e exportações de 75,5 toneladas. Esse saldo negativo representou aumento de cerca de 38% em relação a fevereiro de 2026, quando o déficit foi de aproximadamente 408,2 toneladas.

Na comparação com março de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 941 toneladas, observa-se melhora no desempenho da balança, com redução de aproximadamente 40% no saldo negativo.

Preços estaduais

Leite cru – Preço de referência Conseleite e Preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 27 de março, o Conseleite/SC realizou sua terceira reunião de 2026, de forma online, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o mês de fevereiro, além de projetar os valores para o leite entregue em março e que será efetivamente pago em abril. Para o leite padrão, os valores nominais foram, respectivamente, R\$2,1607/litro e R\$2,3250/litro, o que representa um aumento de R\$0,1643/litro (Figura 6).

Os preços médios pagos ao produtor de leite em Santa Catarina, segundo a Epagri/Cepa, mantiveram trajetória de recuperação nos meses mais recentes de 2026, após atingirem os menores patamares no início do ano (Figura 6). Em fevereiro, o preço médio, corrigido pelo IGP-DI, foi de R\$2,03 por litro, avançando para R\$2,12 em março e alcançando R\$2,35 por litro nos dez primeiros dias de abril de 2026. No período entre fevereiro e abril, observa-se alta acumulada de R\$0,32 por litro, indicando retomada gradual das cotações após a queda registrada no final de 2025 e início de 2026.

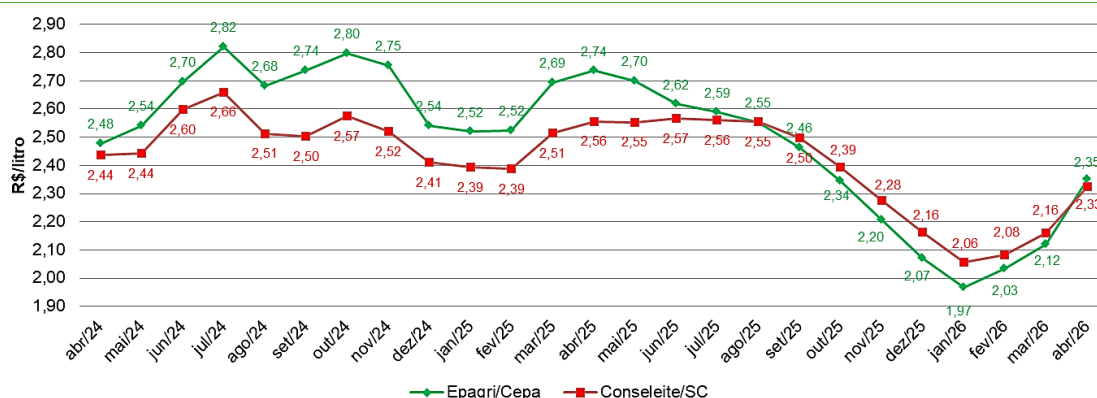


Figura 6. Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (abr./2024 a abr./2026⁽¹⁾)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026



Na comparação com o mesmo período do ano anterior, contudo, os preços ainda permanecem em patamar inferior. Em abril de 2025, o preço médio pago ao produtor, segundo a Epagri/Cepa, foi de R\$2,82 por litro, enquanto em abril de 2026 o valor alcançou R\$2,35 por litro, o que representa redução de R\$0,47 por litro (-16,7%). Esse resultado evidencia que, apesar da recuperação observada nos meses recentes, o mercado ainda não recompôs integralmente as perdas registradas ao longo do segundo semestre de 2025.

Na comparação entre as duas referências para abril de 2026, observa-se aproximação entre as séries, com os preços da Epagri/Cepa (R\$ 2,35/litro) ligeiramente superiores ao valor de referência do Conseleite/SC (R\$2,33/litro). Esse comportamento indica convergência entre o preço de mercado e o valor de referência, sugerindo maior alinhamento nas condições de comercialização e redução da defasagem observada nos meses anteriores (Figura 6).

Preços dos derivados do leite

No primeiro trimestre de 2026, o mercado atacadista de leite UHT apresentou trajetória de recuperação dos preços (Figura 7). Entre fevereiro e março de 2026, o preço médio passou de R\$3,49 para R\$3,87 por litro, representando aumento de R\$0,38 (10,9%), indicando aceleração do movimento de valorização no início do ano. Entre março e os dez primeiros dias de abril de 2026, a alta foi mantida, com o preço avançando de R\$3,87 para R\$4,18 por litro, variação positiva de R\$0,31 (8,0%), reforçando a continuidade do ajuste no mercado atacadista.

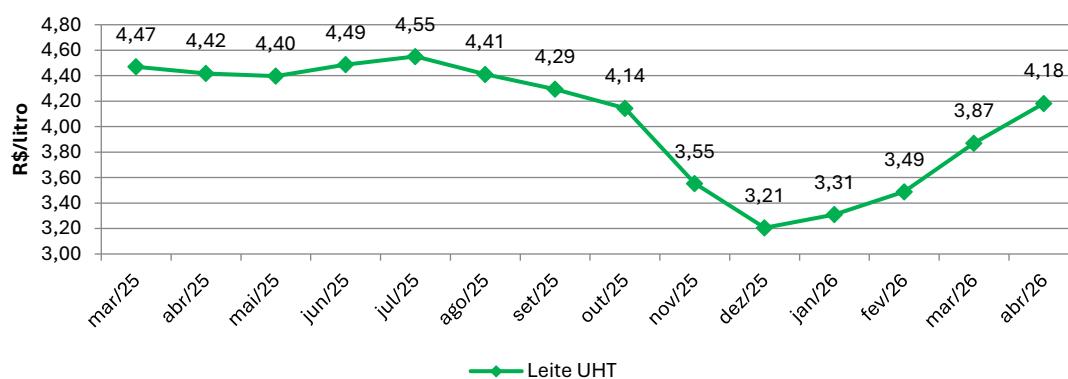


Figura 7. Leite – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (abr./2025 a abr./2026⁽¹⁾)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

Na comparação interanual, entre abril de 2025 e abril de 2026, observa-se que o preço médio do leite UHT ainda permanece inferior ao do ano anterior, passando de R\$ 4,42 para R\$ 4,18 por litro, queda de R\$ 0,24 (-5,4%). Esse resultado indica que, apesar da recuperação recente observada nos meses de março e abril de 2026, os preços no atacado ainda não retornaram aos patamares registrados no mesmo período de 2025, evidenciando um processo gradual de recomposição do mercado.

Para o queijo mussarela, os preços médios no atacado, por quilograma do produto, mantiveram trajetória de recuperação ao longo dos meses mais recentes de 2026, após atingirem os menores patamares no final de 2025. Em fevereiro, o preço médio foi de R\$25,8/kg, avançando para R\$27,6/kg em março e alcançando R\$29,4/kg nos dez primeiros dias de abril de 2026. No período



entre fevereiro e abril, observa-se alta acumulada de R\$3,6/kg, indicando recuperação consistente das cotações e fortalecimento do movimento de valorização no mercado atacadista (Figura 8).

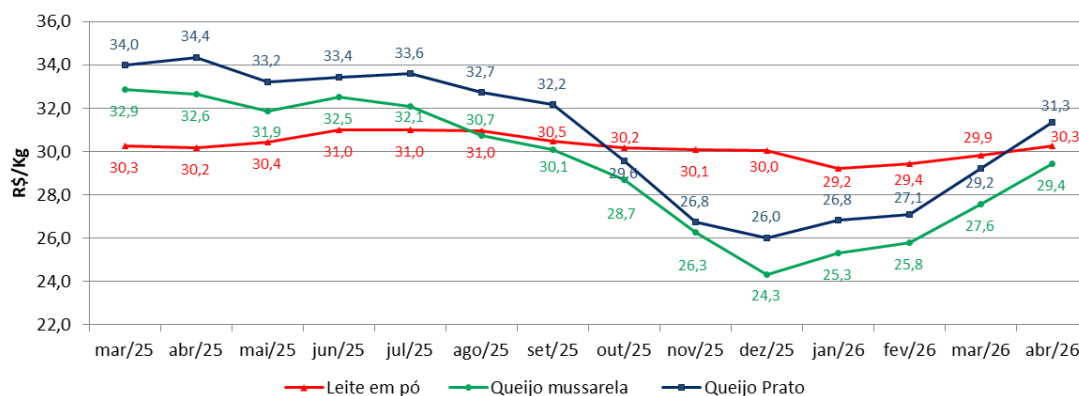


Figura 8. Produtos Lácteos – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (abr./2025 a abr./2026⁽¹⁾)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

No caso do queijo prato, os preços médios no atacado também apresentaram movimento de recuperação no período analisado. Em fevereiro, o valor médio foi de R\$27,1/kg, elevando-se para R\$29,2/kg em março e atingindo R\$31,3/kg em abril de 2026. A variação acumulada entre fevereiro e abril foi de R\$4,2/kg, reforçando o processo de recomposição de preços após a retração registrada no final de 2025 e evidenciando intensificação da valorização no mercado atacadista (Figura 8).

Em relação ao leite em pó, observa-se comportamento mais estável dos preços no atacado, com leve tendência de recuperação nos meses recentes. Em fevereiro, o preço médio foi de R\$29,4/kg, passando para R\$29,9/kg em março e alcançando R\$30,3/kg em abril de 2026. A variação no período foi de R\$0,9/kg, indicando oscilações moderadas e um mercado relativamente equilibrado, com recuperação gradual das cotações (Figura 8).

Variação dos preços por praça

Em março de 2026, a maior parte das praças analisadas registrou aumento mensal no preço mais comum pago ao produtor pelo litro de leite em relação a fevereiro de 2026 (Tabela 2). As elevações mais expressivas ocorreram no Alto Vale do Rio do Peixe (10%), com o preço passando de R\$1,82 para R\$2,00 por litro, seguido pelo Extremo Oeste (7%), com avanço de R\$1,97 para R\$2,10, e pelo Oeste (6%) e Grande Florianópolis (6%), onde os valores subiram de R\$1,99 para R\$2,10 e de R\$2,27 para R\$2,42 por litro, respectivamente. Também foram observados aumentos no Litoral Sul (4%), com o preço passando de R\$2,19 para R\$2,27, e no Meio Oeste (2%), de R\$1,96 para R\$2,01 por litro, indicando movimento generalizado de recuperação dos preços no período. A única exceção foi o Litoral Norte, que apresentou leve retração de 1%, com o preço recuando de R\$2,37 para R 2,35 por litro.

Na comparação entre março de 2025 e março de 2026, os preços pagos ao produtor apresentaram queda nas praças com dados disponíveis, evidenciando retração interanual do mercado. As reduções mais intensas foram registradas no Oeste (-24%), seguido pelo Extremo



Oeste (-22%) e Meio Oeste (-22%). Também foi observada variação negativa no Litoral Sul (-16%) e no Litoral Norte (-4%). Para o Alto Vale do Rio do Peixe e a Grande Florianópolis não há informação comparável para março de 2025. De forma geral, apesar da recuperação mensal observada em março, os preços pagos ao produtor permanecem em patamares inferiores aos registrados no mesmo período do ano anterior nas principais praças analisadas.

Tabela 2. Leite – Comparativo de preços pagos ao produtor por praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Mar./2026	Fev./2026	Var. % mensal	Mar./2025	Var. % anual
Alto Vale do Rio do Peixe	2,00	1,82	10	-	-
Extremo Oeste	2,10	1,97	7	2,70	-22
Grande Florianópolis	2,42	2,27	6	-	-
Litoral Norte	2,35	2,37	-1	2,44	-4
Litoral Sul	2,27	2,19	4	2,70	-16
Meio Oeste	2,01	1,96	2	2,59	-22
Oeste	2,10	1,99	6	2,76	-24

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2026

